

Henrique Magalhães & Sandra Albuquerque

Se Toque

Uma revista alternativa



Henrique Magalhães & Sandra Albuquerque

Se Toque

Uma revista alternativa



Marca de Fantasia
Parahyba, 2023 - 2a edição

Se Toque

Uma revista alternativa

Henrique Magalhães & Sandra Albuquerque

Série Veredas, 16. 2023. 2ed. 87p.



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033
marcadefantasia@gmail.com
<https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães

Imagem da capa: Representação alegórica de Judith Cospéfogo sobre estilização de imagem da atriz estadunidense Divine

Conselho editorial

Adriana Amaral - Unisinos, RS	Marcelo Bolshaw - UFRN
Adriano de León - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Alberto Pessoa - UFPB	Marina Magalhães - UFAM
Edgar Franco - UFG	Nílton Milanez - UESB
Edgard Guimarães - ITA/SP	Paulo Ramos - UNIFESP
Gazy Andraus - FAV-UFG	Paulo Vieira - UFPB
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
José Domingos - UEPB	Waldomiro Vergueiro - USP

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-86031-84-3

Sumário

Apresentação	5
I. Se Toque, uma revista alternativa - Sandra Albuquerque	7
Introdução. Da ideia à distribuição. Como viver? Os toques. Outros toques. Ousadias, equívocos e segredos. O que ficou?	
2. Uma revista em ebulição - Henrique Magalhães	36
Perfil crítico reafirmado. “Os fazeres”. Fecho de mais uma fase. Efêmero e bombástico retorno. Judith Cospéfogo em evidência. E no próximo capítulo...	
Referências	66
Apêndices	68
Crítica: onde o fogo queima, por Judith Cospéfogo Todas as capas Edição em facsimile de <i>Se Toque</i> n. 18	

Se Toque Se Toque Se Toque Se Toque

Apresentação

A década de 1980 foi um celeiro para projetos culturais, novas ideias e experimentações. Na política, vivia-se o clima de mudanças, com o relaxamento do regime militar e a propagação das causas dos grupos minoritários, que lutavam por direitos para índios, negros, mulheres e homossexuais.

Se a imprensa alternativa sofria seu refluxo no aspecto de contestação ao regime político, novas tendências começavam a tomar forma. Uma imprensa setORIZADA irrompia com força, enfocando os mais diversos aspectos da vida e da cultura. Os fanzines ganharam projeção e se firmaram como veículos democráticos (cada leitor poderia ter o seu) e as revistas independentes brotavam em toda parte do país.

Foi movida por essa onda que surgiu em João Pessoa a revista *Se Toque*, de crítica e informação cultural. *Se Toque* pretendia suprir as brechas do jornalismo cultural da cidade, muito mal trabalhado pelos diários locais. De início, o duplo desafio: provar que a cidade possuía uma agitação cultural digna de um veículo informativo e enfrentar a luta de produzir uma revista semanal fora do esquema “oficial”.

A *Se Toque* circulou por 32 números, gerou polêmicas, criou casos, veiculou inúmeros eventos culturais, abriu espaço para a crítica e o debate. Além desses feitos até surpreendentes para uma pequena revista independente, a *Se Toque* mobilizou estudantes, jornalistas e intelectuais que contribuíram, sem dúvida, para um momento muito singular de nossa imprensa.

É para traçar a trajetória dessa revista que Sandra Albuquerque apresenta um ensaio descrevendo os principais aspectos que nortearam sua edição. O texto de Sandra foi realizado como trabalho de conclusão de Curso de Especialização em Jornalismo, realizado em 1988 em Fortaleza e João Pessoa. Num estudo complementar, o editor da revista, Henrique Magalhães, traça os meandros dos conflitos e resoluções que definiram a *Se Toque* como uma revista “alternativa”.

A primeira edição deste livro saiu em 2010 pela Marca de Fantasia. Embora o contexto atual de produção editorial seja radicalmente outro e o texto original da obra esteja defasado, retomamos agora este trabalho com o propósito de reafirmar esse momento singular da cultura alternativa na Paraíba, que se fez viva e pulsante por meio de uma pequena revista artesanal ao difundir e analisar a cena que agitava a capital do estado.

Se Toque, uma revista alternativa¹

Sandra Albuquerque

Introdução

No universo das empresas de comunicação de massa no Brasil, as revistas são o veículo que provavelmente mais têm se expandido – em termos de vendagem, de circulação e de avanços em sua produção gráfico-industrial. E especialmente em termos de segmentação. O *Anuário Brasileiro de Mídia* de 1987 listou mais de 50 gêneros explorados pelas revistas brasileiras.

Mesmo não tendo superado ainda as gigantescas tiragens que a revista *O Cruzeiro* atingiu em sua fase áurea, as revistas brasileiras das grandes editoras têm circulação que vai dos mais de 500 mil até mais de 130 mil exemplares, segundo informa a mesma fonte, levando em conta as vinte maiores revistas em circulação.

Neste universo, extremamente especializado, segmentado e competitivo, um novo produto não pode ser lançado sem uma prévia pesquisa e análise de mercado – seja ele o consumidor, seja o de anunciantes. Recente pesquisa realizada pela Editora Abril para o lançamento da

1. Texto elaborado para o Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo. Fortaleza: jan-fev. 1988; João Pessoa: março de 1988.

revista *Super Interessante* dá mostra de como uma revista é um produto que merece grandes investimentos para o seu lançamento. Um dos lemas internos adotados por aquela empresa é: “o interesse de que o leitor leia uma revista é nosso. Depois dele”².

Mas nem só de dados oficiais do *Anuário Brasileiro de Mídia*, do IVC (Instituto de Verificação de Circulação) e das disputas por verbas publicitárias vivem as revistas brasileiras. Há revistas e revistas. Embora, no âmbito das editoras, uma revista só mereça ser lançada quando tem uma vendagem garantida de pelo menos 30 mil exemplares, estas ainda são consideradas “primas-pobres”. Porque, hoje, mesmo revistas para públicos extremamente especializados, como *Surf*, *Fluir* e *Brasil Surf*, atingem edições com tiragem média mensal declarada pelo IVC de 80 mil exemplares (revista *Fluir*) e 30 mil exemplares (revistas *Yeah!* e *Over all*)³.

Entrar numa banca de revistas, nela ficar alguns minutos examinando as centenas de títulos de revistas e percebendo como se expande o mercado editorial de revistas, pode ser muito ilustrativo. O que demonstra a propriedade de outro lema interno da Editora Abril: “a banca de revista é excelente campo de pesquisa”.

Mas como eu disse, há revistas e revistas. Em nosso país, nem tudo o que se publica está nas bancas de revistas. Há outros meios de certas publicações chegarem até os leitores. Um deles, a distribuição de mão em mão. Pode parecer meio “primitivo”, mas ainda é assim. Pelo menos foi assim com uma revista surgida na cidade de João Pessoa.

2. Citado por Alberto Pecegueiro, Editor de *Novos Projetos* e Editor de *Super Interessante*, da Editora Abril, no Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo. Fortaleza: janeiro de 1988.

3. Segundo matéria “Os nanicos da nova geração”, de Débora Chaves, na revista *Imprensa*, dezembro de 1987, p. 86 e 87.

Se Toque. Este era o título da revista. *Se Toque* foi distribuída de mão em mão: toques mais próximos.

A seguir vou falar um pouco da história dessa revista – já extinta, mas sempre aguardada por seus leitores. Vou contar a história dela (como usa a Rede Globo) a partir de dois eixos: – uma entrevista com seu editor, o professor de Jornalismo Henrique Magalhães e de leituras (com resultados quase sempre descritivos) que fiz de todos os seus números. Para reforçar alguns dados, outras informações serão fornecidas em listagens ou exemplos em anexos.

Essa é a história da revista *Se Toque*.

Da ideia à distribuição

Se Toque foi uma revista alternativa de arte e cultura na Paraíba que existiu entre 13 de outubro de 1986 e 6 de julho de 1987, em João Pessoa⁴. Com periodicidade semanal, tamanho meio-ofício, os primeiros números (1 ao 3) foram impressos em estêncil eletrônico com tiragem de 500 exemplares e o restante, do 4 ao 17, em offset, com tiragem de 1000 exemplares.

Foi uma publicação do Grupo Artesanal através de sua editora Marca de Fantasia cujo proprietário/editor é Henrique Magalhães, professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba⁵, quadrinista, grafiteiro, cineasta, em suma, um produtor e animador cultural bastante conhecido em João Pessoa e também em

4. Ao todo foram 32 edições até novembro de 1999. 10 números foram lançados após a pesquisa da autora.

5. Situando que a entrevista com Henrique Magalhães foi realizada em 1988; posteriormente o professor atuou no Departamento de Mídias Digitais e no Mestrado em Comunicação da UFPB. Atualmente o professor está aposentado.

nível nacional, uma vez que edita a revista de crítica e de quadrinhos que leva o nome de *Marca de Fantasia*.

Marca de Fantasia, de acordo com o depoimento de Henrique Magalhães (também conhecido como Magal, assinatura que usa em seus cartuns e tirinhas), nasceu como nome de uma revista, uma revista de poesia e crítica literária editada mensalmente em estêncil à tinta. Depois se transformou numa revista de histórias em quadrinhos (sem periodicidade), um fanzine de publicação nacional. “Eu gostei muito do nome e acabei denominando a editora de Marca de Fantasia”, lembra Henrique. Este também já foi usado pelo professor e agitador cultural Jomard Muniz de Britto, para a publicação de uma revista que teve apenas um número, em edição de luxo, feita em Recife.

A ideia: Pariscope foi o modelo

A revista *Se Toque* nasceu de uma viagem que Henrique Magalhães fez a Paris. Lá ele conheceu algumas publicações que se dedicavam exclusivamente à informação da programação cultural da semana.

Tinha a *Pariscope* e a *7ème Paris*, que traziam todos os filmes da semana, toda a programação cultural, teatros, shows, bares, tudo o que acontecia na cidade. Eu percebi que no Brasil não existia esse tipo de publicação. Em



Capa de estreia da *Se Toque*, impressa em mimeógrafo eletrônico

São Paulo não tinha nem no Rio. Isso foi em 1982 (MAGALHÃES, 1988).

Dessa constatação, Henrique Magalhães partiu para fazer um levantamento dos eventos culturais semanais em João Pessoa para sentir se a cidade realmente comportaria uma publicação do gênero. E surpreendeu-se com o resultado, pois na cidade aconteciam muitos eventos culturais que não tinham divulgação.

Segundo Henrique, “isso aconteceu em 1982. Mas quando eu cheguei aqui não tinha clima, não tinha companhia e o projeto morreu, apesar de considerar que a revista seria importante para divulgar os movimentos culturais da cidade”.

Somente no retorno a João Pessoa, depois de uma estada em São Paulo, onde tomou conhecimento de publicações semelhantes que as *Veja* (*Veja em São Paulo*), *IstoÉ* e *Afinal* faziam, é que decidiu levar para frente “na marra, sozinho mesmo” a ideia de publicação da revista, que agora seria uma mescla de *Pariscope*, *7ème Paris* e *Veja em São Paulo*.

Editou então os três primeiros números da revista, com 500 exemplares, distribuição gratuita. Estas edições foram possíveis pelo patrocínio do SESC local, que fornecia papel, estêncil eletrônico e a impressão. Mas desde o primeiro número a revista já trazia anúncios também. A baixa tiragem foi devido ao sistema de impressão, estêncil eletrônico, que, por ser muito artesanal, não possibilita impres-

Não raro, a edição semanal de *Pariscope* ultrapassa duas dezenas de páginas



sões em quantidades maiores, pois surgem problemas de manchas com os estênceis – que se desgastam – e com a tinta utilizada.

Mas a ideia não era fazer a revista sozinho – da edição dos textos à distribuição. Na tentativa de compor uma equipe, o editor anunciou um curso de edição de revista alternativa, no Curso de Comunicação Social, onde ministra disciplinas. A ideia do curso era transmitir os conhecimentos que tinha adquirido ao longo dos três números da revista e também suscitar interesse entre os alunos para que participassem da redação de *Se Toque*. Apenas um aluno se interessou pela revista e dela começou a participar como Diretor Administrativo – a quem caberia agenciar os anúncios, fazer contatos com a gráfica, cuidar da parte burocrática da revista e manter relacionamento com o processo de redação e produção de cada número.

Mesmo não tendo dado os resultados desejados – isto é, a formação de uma equipe maior – essa ideia de realização do curso para a formação de uma equipe para a revista foi, de certa forma, pioneira em relação à grande imprensa. Há uns poucos anos a *Folha de S. Paulo*, a revista *Veja* e a *Manchete* (editora Bloch) realizam cursos para adequar os recém-graduados em jornalismo às peculiaridades de suas publicações.

Segunda e terceira edição de *Se Toque*, que também contaram com o apoio do setor de reprografia do SESC



A equipe – a produção da revista

Até o número 8 (já com impressão em offset e com tiragem de mil exemplares), a revista era feita, em grande parte, pelo editor com a participação de colaboradores, pessoas que escreviam artigos de capa ou outros textos, mas que não tinham efetiva participação no processo de produção da revista. A partir do número 9 o expediente passa a registrar a figura do Diretor Administrativo enquanto que no número 11 há o registro também de uma pessoa na redação e mais três na parte de arte. Havia finalmente uma equipe trabalhando em *Se Toque*.

Como afirma Henrique (1988):

A revista era semanal, então a gente dividia as fases de produção de acordo com este prazo de elaboração da revista. De segunda a quinta-feira, todas as matérias tinham que estar na redação para a gente redigir, datilografar, reduzir em fotocópia e fazer a arte final. Na quinta-feira, no final da tarde, a revista ia para a gráfica com a arte-final já pronta. A gráfica fotolitava, gravava a chapa e fazia a impressão, tudo em um dia. A Unigraf foi a única gráfica da cidade que se dispôs a fazer isso porque as outras disseram que não tinham pique para fazer um trabalho tão ágil. A Unigraf se comprometeu e cumpria porque o dono sacou a importância do projeto.

A equipe só veio a se formar na segunda fase da *Se Toque*, isto é, a partir do número 11, editado na segunda quinzena de maio, ou seja, quatro meses depois do número 10, editado na semana de natal de 1986. Essa longa interrupção se deveu, segundo Henrique Magalhães,

a um processo de estafa em que entrou pelo acúmulo de tarefas e de trabalho com a revista.

Impressa a revista, a equipe fazia a sua distribuição nos finais de semana. Nos sábados e domingos deixavam exemplares de *Se Toque* com alguns anunciantes (galerias, bares, restaurantes etc.) e completavam a distribuição de mão em mão, especialmente na Feirinha de Tambaú, nas portas de teatros e dos cinemas. Com esse esquema de distribuição de mão em mão não existia boia, o que sobrava era para o arquivo da redação.

A gente quis colocar em bancas para vender, para atingir um público com o qual a gente ainda não tinha relação. Quem compraria na banca era outro público, não seria nosso público conhecido – que era o da feirinha, da praia. A gente também pensou em fazer assinatura para garantir um dinheiro em caixa para a revista (MAGALHÃES, 1988).

Apenas no número 17 é que a revista trouxe impresso o preço de venda – 10 cruzados – e foi colocada à venda em uma banca, como teste. A ideia, diz Henrique Magalhães – era, se as pessoas não recebessem a revista na distribuição gratuita, poderiam procurá-la na banca e assim não perder a informação que costumava receber todas as semanas. Ao ser colocada em uma banca, pretendeu-se fazer uma passagem entre distribuição gratuita e venda, de forma lenta. Ganhar um público sem perder o que ela já havia conquistado. A pretensão era conquistar um novo mercado – de leitores e, portanto, também de anun-



A edição 17 da *Se Toque* foi colocada à venda numa banca, de forma experimental

ciantes. Mas esta estratégia, assim como a campanha de assinatura, foi feita já no último número. No número 17 (semana de 6 a 12 de julho de 1987) a revista acabou sem poder avaliar esta nova tentativa.

Como viver?

Custos, despesas

Em sua segunda fase, isto é, do número 11 ao 17, a revista custava 2.400 cruzados, apenas para pagamento de impressão de mil exemplares em offset tamanho meio-ofício. Todas as outras fases de produção da revista (composição – isto é, datilografia –, arte-final, intercalagem das páginas e dobradura) eram feitas pela equipe. Além dessa despesa, a revista tinha outras – pequenas, como compra de papel de fotocópia para a arte final e fotocópias em redução das páginas.

Com a formação da equipe para produzir a revista nessa sua segunda fase, pensou-se em racionalizar o trabalho e dividir as tarefas que vinham sendo acumuladas por uma só pessoa. Imprimir um caráter mais profissionalizante, especialmente em relação à publicidade, que agora era mais vital para a revista (lembre-se que os três primeiros números foram patrocinados pelo SESC e daí em diante a revista precisou se manter com a venda dos anúncios).

A redação de *Se Toque* tinha cinco pessoas e a ideia era que cada uma fosse também um agenciador de publicidade.

Se a gente precisava de dez anúncios, cada pessoa deveria trazer dois a cada semana. Só não deu certo porque nem todos tinham experiência ou garra para conseguir a publicidade e acabou que o encargo com os anúncios ficou

mais para uma ou duas pessoas da equipe. A gente discutia muito que era preciso ter uma pessoa exclusivamente para fazer esse trabalho e em certo momento fizemos contatos com as agências de publicidade, mas também não deu resultado porque as agências estão acostumadas a trabalhar com jornal e televisão, que têm anúncios caros e não queriam perder tempo agenciando anúncios para nós. Nossos anúncios eram baratos e, portanto, iam lhes dar pouca margem de lucro (MAGALHÃES, 1988).

A publicidade era vital para a *Se Toque* não somente para pagar as despesas de produção da revista, mas também para pagar sua equipe. O que nunca aconteceu. A equipe estruturou-se como uma cooperativa: todos davam sua força de trabalho e quando a revista estivesse dando lucro, este seria dividido para todos. Como afirma Henrique, “Nos primeiros números da segunda fase a gente conseguiu uma boa grana com anúncios, que dava para segurar a revista nas edições seguintes. Mas depois a revista entrou no vermelho, começou a dar prejuízo e ninguém ganhou nada, só experiência” (MAGALHÃES, 1988).

Os anúncios

Se Toque era uma revistinha tamanho meio-ofício com as páginas divididas em duas colunas de aproximadamente seis centímetros de largura, cada. Os anúncios eram padronizados nestas medidas.

O anúncio padrão da revista era o “tijolinho”, como foi denominado pela equipe. A medida deste anúncio padrão era: uma coluna (mais ou menos seis centímetros) por quatro ou cinco centímetros de altura. Este anúncio custava trezentos cruzados por veiculação.

Anastácio a Deputado Estadual pelo PT. O show contará ainda com a presença de Vital Farias. Local: rua Rodrigues de Aquino, 169, Centro, (por trás da Câmara de Vereadores). Sexta-feira, 25 de setembro, às 21h.

TEATRO

VII FESTIVAL DE TEATRO DO ESTUDAN-TE

– O Núcleo de Teatro Universitário da UFPB realizará no final de setembro mais uma versão do Festival de Teatro do Estudante. As inscrições dos grupos de escolas de 1º e 2º graus podem ser feitas no Teatro Lima Penante até 25 de setembro. Informações pelo telefone 222.4131.



Augusto Magalhães e Fernanda Martinez em "Ali Ladrão..."

ALI LADRÃO E OS 40 BABÁS – De Geraldo Jorge. Direção de Jerônimo Vieira. Com Augusto Magalhães, Marcos Melodia, Adriana Diniz, Fernanda Martinez, Sérgio Maciel e Gilberto Pekala. Um militar veterano da Guerra do Paraguai promete casar sua filha Jandira com o Capitão Solon se

este prender os ladrões. Enquanto isso, o Soldado Baltazar é apaixonado por Jandira e é correspondido. Muita confusão se desenrola quando Baltazar ensaia a peça "Romeu e Julieta" e Jandira pensa que Julieta é outra namorada dele. O espetáculo surpreende no final, quando é revelado o chefe dos ladrões. Teatro Ednaido do Egypto. Até final de setembro, sábado e domingo às 17h. R\$ 8,00 (inteira), R\$ 4,00 (estudante).

MAMANITA – Texto e direção de Eliézer Filho. Com Celsa Monteiro, Crisylide Barros, João Dantas, Patricia Braz, Tarso Mattos e Walmar Pessoa.

Mamanita tem como sub-título "Um acalanto edipiano para Garcia Lorca". A poesia dramática de Garcia Lorca inspirou este novo trabalho de Eliézer, pleno de paixões avassaladoras e tendo como base uma família cristã centrada na figura de Anita Gasparde e seus rituais de semana santa ao longo dos anos. Para Eliézer, no entanto, a peça não se restringe a falar só de Édipos, mas também dos sentimentos que povoam as relações humanas "coloridas de alegrias e tristezas e principalmente daqueles sentimentos que deixaram uma profunda dor em nossas almas, aquela dor oriunda do desprezo do objeto amado", que o autor chama de "tristeza de Pierrô". Teatro Santa Roza. Até final de setembro, sexta-feira a domingo, às 21h. R\$10,00 (inteira), R\$ 5,00 (estudante).

A MENINA E O PALHAÇO – Direção de Everaldo Vasconcelos.

Meninas fogem de casa por não aceitarem a imposição dos pais, mas um dia os reencontram. Teatro Lima Penante. Sábado 19 e Domingo 20, às 17h. R\$ 6,00 (inteira), R\$ 3,00 (estudante).



IPEI
EDUCANDO POR INTEIRO
TEL.: 235.1768



TOP! TOP!
QUADRINHOS E LEITURAS AFINAS
Edição Marca de Fantasia
R. Manoel de Sousa, 95/302
João Pessoa, PB - 58045-090
R\$ 3,00

Havia também o “rodapé”, duas colunas por quatro ou cinco centímetros de altura, sempre no pé da página. O anúncio de coluna inteira era vendido como quatro “tijolos”. Havia ainda o “tijolo duplo”, isto é, uma coluna por oito ou dez centímetros de altura, e “três tijolos”, uma coluna com a altura de três “tijolinhos”.

ROTEIRO

CASAS DE SHOWS

MIRALHA – Av. Epitácio Pessoa, Cabo Branco.
ORDEM DOS MÚSICOS – Rua 13 de Maio, 72, Centro.
PORTAL DAS CORES – Rua da Enseada, 876, Ponta de Campina. Tel.: 250.1482.

CENTRO CULTURAL

CENTRO CULTURAL DE SÃO FRANCISCO – Praça São Francisco, s/n, Centro. Tel.: 221.2840.

CINEMA

MUNICIPAL – rua Visconde de Pelotas, 123, Centro. Tel.: 221.2020.
REX MANAÍRA I – Manaira Shopping Center, Av. Flávio Ribeiro Coutinho, s/n. Tel.: 216.6004.
REX MANAÍRA II – Manaira Shopping Center, Av. Flávio Ribeiro Coutinho, s/n. Tel.: 246.3321.

GALERIAS

ALIANÇA FRANCESA – Av. Bento da Gama, 396, Torre. Tel.: 221.2010.
ARCHIDY PICADO – Espaço Cultural. Av. Presidente Kennedy, s/n, Tambauzinho. Tel.: 244.1360.
BRASIL-ÁFRICA – Av. Maranhão, s/n, Bairro dos Estados. Tel.: 231.6261.
GAMELA – Av. Almirante Barroso, 144, Centro. Tel.: 221.6857.
NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA – NAC, Rua das Trincheiras, 275, Centro. Tel.: 221.9630.

GIBITECA

GIBITECA HENEIL - Espaço Cultural - Av. Presidente Kennedy, s/n, Tambauzinho. Tel.: 244.1360.

MUSEUS

JOSÉ LINS DO REGO – Espaço Cultural. Av. Presidente Kennedy, s/n, Tambauzinho. Tel.: 244.1360.
MUSEU DA CULTURA POPULAR PARAIBANA – NIUPPO, Prédio da Reitoria da UFPB, Campus Universitário, s/n, Tel.:
MUSEU FOTOGRÁFICO WALFREDO RODRIGUES – Casa da Pólvora. Ladeira de São Francisco, Centro.

PLANETÁRIO

ESPAÇO CULTURAL. Av. Presidente Kennedy, s/n, Tambauzinho. Tel.: 244.1360, ramal 323.

TEATROS

CILIAO RIBEIRO – Rua General Osório, s/n, Centro.
EDNALDO DO EGYPITO – Rua Maria Rosa, 284, Manaira. Tel.: 247.1449.
LIMA PENANTE – Av. João Machado, 67, Centro. Tel.: 221.5635.
PAULO PONTES – Espaço Cultural. Av. Presidente Kennedy, s/n, Tambauzinho. Tel.: 244.1360.
PIOLLIN – Ao lado da Bica (Parque Arruda Câmara). Tel.: 241.
SANTA ROZA – Praça Pedro Américo, s/n, Centro. Tel.: 241.1230.

Venha sacudir o esqueleto.
Halloween Party
 Dia 13 de outubro, às 23h. Local: Jangada Clube
 Bandas: S3 e Sexto Sentido
 Yazigi logo

O rodapé poderia ser ocupado pela junção de dois “tijolos”

26 out. a 01 nov.
.....

Se Toque 11

de Artes da UFPb.

Teatro Lima Penante. 26 a 31 (segunda-feira a sábado). Oficinas das 8h às 10h; Peças de teatro às 15h, 16h, 17h, 19h, e 21h.

UM DIA, UM SOL – Teatro infantil. Texto de Deolindo Checcucci Neto, direção de Roberto Cruz, com Carla Roberta, Itamar Pereira, Jany Duarte, Kalline Brito, Mara Duarte e Wanda Oliveira. Um resgate de nosso folclore, ecologia, circo e teatro, além de carregar consigo o mundo das cores e da natureza na sua totalidade. Propõe-se a fazer uma grande brincadeira, um jogo de criança, onde os atores mantêm uma relação lúdica com os objetos e com o público. O material utilizado em cena faz com que a criança penetre e ajude a construir naturalmente o espetáculo.

Teatro Lima Penante. 31 de outubro (sábado) e 1º de novembro (domingo), às 17h. R\$ 6 e R\$ 3.

VOVÓ VIU A AVE - Texto e direção de Cristóvam Tadeu, com Ednaldo do Egypto, Isa Y Plá Trevas, Gilson Azevedo, Márcio Tadeu, Fernanda Martinez, Gilberto Pekala, Evaldo do Souza e Daniele Huebra. Num apartamento de classe média reúnem-se uma advogada, um empregado gay, um filho com problemas mentais, um marido metido a cientista, uma irmã "riponga" e pais debochados, gerando cenas hilariantes.

Teatro Ednaldo do Egypto. 23 (sexta-feira), 24 (Sábado), às 21h; 25 (Domingo), às 20h.



IPEI
EDUCANDO POR INTEIRO
AV. FLAMBOYANT, 155 - BANCÁRIOS
TEL.: 235 1768



**TOP! TOP!
QUADRINHOS
E LEITURAS AFINS**

Edição Marca de Fantasia
R. Manoel de Sousa, 95/302
33000 PARRAMA, PB - 53045-090
R\$ 3,00

*Salpicante
Restaurante*

COMIDA NATURAL E CASEIRA
Av. Bananeiras, 80
Manaíra - Tel.: 247.2464

**SE CORRER A BRUXA PEGA
SE FICAR...????!!**

THE RAVE

31 out. (sábado)
23h32
Estação Ferroviária
(CBTU)



ANTENE-SE Mercado Capim Fashion
14 e 15 novembro - SESC

Vários tipos de inserção publicitária na Se Toque: comercial, institucional, um “tijolinho”, “tijolo duplo”

Como a revista estava dirigida para um público consumidor de arte, de eventos culturais, então os anúncios tinham que ser qualificados. A gente tentava manter a linha da revista, que era uma revista alternativa. Quanto mais anúncio de escolinha de arte, de restaurante ou lanchonete natural, de galeria de arte, shows, exposições, melhor para a revista porque estaria em consonância com as matérias, com o público, não entraria em choque, como seria o caso do anúncio de veículos, que não teria nada a ver com a revista (MAGALHÃES, 1988).

Na segunda fase, *Se Toque* chegou a fazer contratos com os anunciantes para a veiculação de publicidade por um mês, ou seja, quatro edições.

Mini-tijolo

Folheando *Se Toque*, o leitor percebe que há também pequenos anúncios, no tamanho de meio “tijolo” ou “mini-tijolo”, que eram usados para anunciar a própria revista ou outra revista do grupo, a *Maria*. “Como a gente fazia a datilografia da revista em casa, em máquina de escrever, não dava para planejar a composição em paucas, não tinha esse lance dos jornais. Então, quando sobrava algum espaço que a gente não tinha matéria para completar, eu colocava esses anúncios pequenos da própria revista ou de *Maria*. Era mais para preencher o espaço em branco, para decorar a página, para fechar a página”.

Em alguns números, esses espaços em branco foram preenchidos com vinhetas integradas na composição da página.

Os toques

Seções fixas

Desde seu primeiro número, *Se Toque* publicou algumas seções fixas: “Programação da Semana”, “Roteiros”, “Todas as Salas”.

A seção “Programação da Semana”, que vinha com retrancas específicas para Cinema, Teatro, Exposição, Concerto, Planetário, Festas, Shows, Eventos, Variedades, Artes Plásticas e Dança – variando de acordo com os eventos semanais – ocupavam espaço de duas a três páginas por edição e veio publicada nos blocos das páginas 5 a 8, 6 a 9, 8 a 10 ou 7 a 10, variações normais em uma publicação. Cada retranca tinha sua vinheta específica e trazia pequenos textos indicativos e resenhas.

Em “Todas as Salas”, as retrancas eram para Cinema, Cineclube, Cinema Infantil, Videoclubes, Teatros, Centro Cultural, Museus, Bibliotecas, Galerias de Arte. Cada uma das retrancas também tinha vinhetas especiais. As informações veiculadas aí se limitavam ao nome e endereço das salas citadas. A seção vinha em duas ou três páginas com a colocação variando de número para número, mas sempre após a Programação da Semana.



Cabeçalho da programação cultural e vinhetas das seções

Em “Roteiro”, que vinha logo a seguir de “Todas as Salas”, as retrancas eram para Parques, Livrarias, Sebos, Artesanato, Camping, Hotéis, Restaurantes, Pizzarias, Lanchonetes, Bares, Sorveterias, Cervejarias, Videolocadoras, isto é, para a programação de lazer da cidade. Na segunda fase da revista, esta seção foi suprimida e algumas retrancas permaneceram integradas à “Programação da Semana” ou a “Todas as Salas”, quando era o caso. Normalmente ocupava de duas a três páginas da revista.

Videodicas

Em dois números, *Se Toque* publicou uma coluna de Videodicas, serviço de utilidade da revista patrocinado por locadoras. No número 8, página 15, o assunto foi “a função do botão tracking” e no número 6, página 14, o assunto foi “os cuidados com as fitas de vídeo”.

Cartas

Em apenas dois números a revista publicou cartas dos leitores. No número 13, página 9, sob a retranca Toques, republicou nota transcrita do jornal local *O Momento* e no número 17, página 6, também com retranca Toques, carta de um leitor de Recife. O fato de a revista publicar poucas cartas de leitores deve-se, provavelmente, ao fato de que os leitores tinham contato direto com a equipe por ocasião da distribuição semanal da revista. Nesses momentos, era normal que as pessoas fizessem suas críticas, sugestões e comentários ao que a revista publicava e como publicava.



MARIA - Henrique Magalhães



BARTOLO - Cristóvam Tadeu



Se Toque

Nº 25 - 21 a 27 de setembro de 1998
João Pessoa, Paraíba

Editor: Henrique Magalhães
Colaboradores: Judith Cospelogo, Bertrand Lira e
Cristóvam Tadeu. Capa: detalhe de xilogravura de
Severno Borges



Publicação da editora
Marca de Fantasia

Rua Manoel de Sousa, 95/302
58045-090 João Pessoa, PB
Telefax: (083) 247.4930

E-mail: fantasia@netwaybbs.com.br

As colaborações (textos, ilustrações e
quadrinhos) são de propriedade e
responsabilidade dos autores. Folhas e ilustrações
são utilizadas com o fim de divulgação.

Os quadrinhos tiveram seu espaço garantido em *Se Toque*

Quadrinhos

Em quase todas as edições *Se Toque* publicou seção fixa de quadrinhos que vinha na última página (de número 16, na primeira fase ou de número 12, na segunda fase). A exceção foi o número 2, quando nenhum quadrinho foi publicado: a página foi tomada por um anúncio do SESC.

Os quadrinhos dividiram esta última página com indicações das locadoras de vídeo nos números 1, 7, 8, 9 e 10. Mas ocuparam toda a página nos números 4, 5, 6, 14, 15, 16, 17. Além disso, houve publicação extra de quadrinhos nos números 16 e 17.

Outros toques

Capas

Se Toque deixa transparecer em suas capas que era uma revista de informação e divulgação dos eventos culturais da semana em João Pessoa. Das suas 17 capas apenas três não se referiam aos fatos da semana: as dos números 7, 14 e 17. Os números 7 e 14 trataram de sexualidade, livre expressão de afetividade, AIDS; já o número 17 se preocupou com a política cultural oficial.

Os assuntos mais tratados nas capas de *Se Toque* foram: música, quatro capas; artes plásticas, três capas; sexualidade, duas capas; festas populares, cinema, teatro, performance e política cultural, uma capa por assunto.

LUXO ASTRAL, AQUI MESMO

A *Se Toque* era toda feita de forma manual, como os títulos dos artigos

Se Toque foi uma revista inteiramente feita de forma artesanal. Suas capas refletem isso. A feição gráfica da revista seguia este padrão artesanal: as letras (do título da revista, dos títulos das matérias, das seções fixas etc.) todas eram manuais.

As capas eram padronizadas: na parte superior, o título da revista em letras manuscritas com sombreado; uma linha em que se encontravam informações sobre o ano, o número e a data de circulação. Em seguida, uma ilustração tomava todo o espaço restante e as chamadas de matérias vinham vazadas nesta ilustração. Em apenas quatro números (7, 14, 16 e 17) a ilustração de capa não foi uma reprodução do cartaz ou convite do evento da semana; nestes casos, tratou-se de ilustração para as matérias chamadas na capa ou de reprodução de antigas ilustrações.

Em seis números (1, 2, 3, 9, 13 e 15) havia uma chamada no rodapé da página destacada da ilustração da capa.

Matérias de capa

A partir do número 2 todas as matérias chamadas nas capas eram publicadas na página 3 da revista. Destas, duas foram matérias produzidas pela redação (números 2 e 6) e as outras escritas por colaboradores ou reproduzindo os textos de divulgação do evento em destaque. A seguir faremos uma descrição das matérias de capa, com sua autoria.

Nº 1: “No mundo do faz de conta”, matéria da redação, informativa sobre peça teatral de mesmo nome, montada pelo Grupo Moca, que conquistava festivais e espaços cênicos em outras regiões. Na página 5.

Nº 2: “Tadeu Matias – a voz que vem do coração”, texto informativo sobre o cantor paraibano que fez shows em João Pessoa. Há outra chamada de primeira página para Cristovam Tadeu que é apenas referida na seção “Programação da Semana” na retranca Variedades, onde há uma resenha ilustrada com foto do show-man.

Nº 3: “O onírico mundo de Sérgio Lucena”, texto informativo sobre exposição do artista plástico que se encerrava com apresentação de Flávio Tavares, reproduzida do programa da exposição.

Nº 4: “Negritude, o brilho da raça ou a cultura política da festa”, reproduz todo o manifesto-convite do Movimento Negro a propósito da festa que realizou com a denominação de Axé.

Nº 5: “O império da arte explícita”, de Eleonora Montenegro. Texto poético onde a autora faz considerações sobre suas sensações diante do show do grupo performático “Oficina Literária”. A referência ao grupo é implícita ao texto.

Nº 6: “Uma semana de muito som”, texto da redação, informativo, sobre a Semana do Músico que o SESC local organizou incluindo shows, debates e filmes/vídeos musicais.

O grupo Oficina Literária, dirigido por Antônio Arcela, foi destaque da edição n. 5 de *Se Toque*



Nº 7: “Não me digam a quem devo amar”, de Chico Noronha. Texto onde o autor fala de amor, de opções sentimentais/sexuais e critica documento do Papa João Paulo II que condena o sexo fora do casamento.

Nº 8: “Luxo Astral aqui mesmo”, de Kubitschek Pinheiro. Texto informativo sobre show multimídia do grupo Úvulas Ardientes.



Capa da nona edição com reprodução do cartaz da festa produzida pela equipe da revista

Nº 9: “Apocalipse Nããã!”, de Judith Cospéfogo. Artigo debochado da “personagem” Judith Cospéfogo sobre a festa que a revista *Se Toque* promoveu e cujo cartaz-convite é a capa da edição.

Nº 10: “Pássaro Altino poesia”, de Chico Noronha. O autor “dialoga” com José Altino, pintor cuja exposição é o destaque da semana na revista. A primeira página desta edição é a reprodução do folder do *vernissage*.

Nº 11: “A batalha do teatro”, de Everaldo Vasconcelos, sobre o espetáculo “A batalha de Oll contra o Gígante Ferr”, de W. Solha, que estreava no Teatro Santa Roza.

Nº 12: “Ano Internacional Willa-Lobos”, de Sônia Lima, sobre a programação do SESC e do Museu Villa-Lobos para o centenário do músico.

Nº 13: “O lance de Lacet”, de Judith Cospéfogo. Crítica da personagem da revista para a exposição do artista plástico Alberto Lacet.

Nº 14: “Prolegômenos para uma política do cu”, de Walter Galvão. O artigo, que segue até a página 4, trata de questões morais, sexuais e sentimentais pós-aids, do ponto de vista heterossexual.

Nº 15: “RAN – O caos visto por Akira Kurosawa”, de Vinícius Navarro. Crítica cinematográfica sobre o filme do diretor japonês. O artigo segue até a parte superior da quarta página.

Nº 16: “Tanta fogueira, tanto balão”, de Magal. O autor fala da quase extinção das festas de rua em João Pessoa, por ocasião das festas juninas.

Nº 17: “O (des)Conselho Estadual de Cultura”, de Carlos Cartaxo. Crítica à formação e funcionamento do Conselho Estadual de Cultura.

Outros textos

Na *Se Toque* os textos quase sempre eram escritos por colaboradores devidamente creditados no expediente e sumário da revista. Eram deles tanto os textos das matérias chamadas nas capas como outras matérias. Para Henrique Magalhães, editor de *Se Toque*,

interessava à gente criar uma crítica, não só divulgar a programação, mas fazer uma crítica, uma reflexão sobre a programação... contribuir para isso. Fazer surgir críticos que aqui não tem. A prioridade para a publicação era de alguma coisa que tivesse a ver com a programação. Se vinha uma matéria sobre um filme que estava em exibição, esta tinha prioridade sobre uma matéria fria ou um artigo reflexivo sobre outro assunto (MAGALHÃES, 1988).

Nessa linha seguiram não só as matérias chamadas nas capas, mas outros textos. Porém, alguns saíram dessa orientação e tratavam de eventos da atualidade, embora não de assuntos destacados na programação da semana em que a revista circulava. A seguir, alguns exemplos dessas matérias.

Nº 1: “Tédio, um prestígio que se mantém”, de Kubitschek Pinheiro. Recupera a questão do tédio – tão cara naquele momento em que o “darkismo” era moda – com destaque para o que pode existir na escuridão das noites de uma bucólica “cidade verde”. O autor voltaria ao

mesmo tema no número 10, com o texto “No ar, a solidão pós-moderna” (página 5).

Nº 5: “Política é o fim”, do frequente colaborador Chico Noronha. Artigo com tons intimistas do jornalista que vê sua trajetória política culminar, na ocasião, em pessimismo. O título, retirado de uma música de Caetano Veloso, dá o toque ao texto (página 4).

Nº 6: “Dá pra escapar? Dá!”, de Fred Ferreira, que recupera o *dark* diante do modismo que esse sub-movimento cultural naufragou por imposição da mídia (página 5).

Nº 9: “Qual é a do Bangüê?”, de Fernando Trevas Falcone. Questiona a programação do Cine Bangüê localizado no Espaço Cultural José Lins do Rego, que, como outros locais de exibição de filmes na cidade, é explorada pelo mesmo proprietário que programa para aquela sala “o lixo vindo de Hollywood e alhures” (página 4).

Nº 17: “Manifesto pela recuperação do nomadismo”, de José Luiz Braga. O autor, professor de Jornalismo no Curso de Comunicação social da UFPB, coloca em pauta o nomadismo e a decisão de mudar o que está esgotado na rotina diária, rotina que faz desaparecer os desejos. Acena para mudanças presentes no nomadismo que colocam “o passado, o presente e o futuro em sua tensão dialética – superando a equiprobabilidade estagnada de um presente continuado”.

Ousadias, equívocos e segredos

Segundo Henrique Magalhães, a revista não devia ser apenas de serviço, devia ser uma revista incendiária, que colocasse ideias novas para discussão:

Ela tinha uma identidade com a ‘geração mimeógrafo’, no sentido de que era provocadora. Num certo momento, a revista começou a ficar muito careta, com muito serviço, e não interessava à gente prestar serviço apenas. Então fizemos uma reunião bem quente na redação pra definir os rumos da revista. Foi quando a gente optou por radicalizar no projeto de uma revista alternativa, cuja intenção, junto com a prestação de serviços, era provocar a opinião pública (MAGALHÃES, 1988).

Henrique relata que essa radicalização surgiu por causa de uma matéria de Walter Galvão, que tratava de sexualidade, de AIDS. O nome da matéria era ‘Prolegômenos para uma política do cu’.

A gente fez uma discussão tremenda dentro da redação com manifestações explosivas das pessoas, uns achando que a publicação da matéria iria prejudicar a revista, que o público não iria aceitar, que os anunciantes iriam recusar a revista porque a matéria era muito forte, pornográfica. Mas acabamos descobrindo que esta era a matéria mais sensacional – não sensacionalista –, mais contundente que a gente tinha recebido até aquele momento e que não podia perder a chance de mostrar, por intermédio dela, qual era a identidade da revista... A partir daí assumir: a revista vai ser isso, uma coisa provocativa. E foi com a ma-

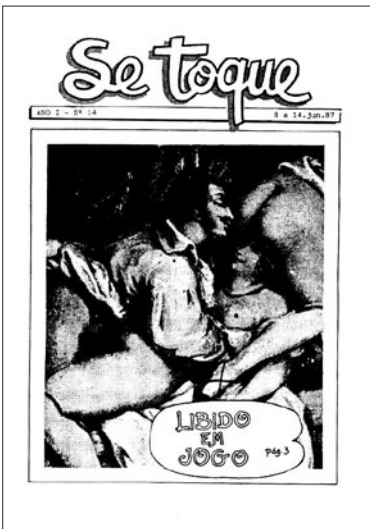
téria de Galvão que nós assumimos esse lado, definitivamente (MAGALHÃES, 1988).

“Prolegômenos para uma política do cu” foi publicada no número 14, na página 3 e parte da quarta página. A chamada de capa era “Libido em jogo”, vazada numa reprodução de uma gravura antiga que mostrava um “ménage à trois”. A ousadia de *Se Toque* lhe valeu, pelo menos, grandes discussões e polêmicas naquela semana de junho em que circulou com essa matéria.

Nos números 7, 8 e 9, *Se Toque* chegou a publicar “Em Nome da Rosa e da filha e da Paraíba. Amém”, novela afro-brejeira de Olga de Luxemburgo. Foi uma tentativa de ressuscitar o gênero folhetim, bastante usado na imprensa do início do século. Tentativa cortada abruptamente no número 10: a novela acabou.

A ideia da novela partiu de Paulo Michelotto, professor do Departamento de Artes e Comunicação (DAC) da UFPB. O criador não está creditado, pois a “autora” da novela – e esta é uma das brincadeiras do próprio enredo – era Olga de Luxemburgo, “jornalista registrada MT-395” (uma referência às normas de redação do Manual de Redação da *Folha de*

S. Paulo). Olga de Luxemburgo era também “mãe legítima de Rosa de Luxemburgo, por sua vez mãe de Natasha Fiedorovna de Luxemburgo, estudante de Comunicação no DAC-UFPB.



Capa que anuncia o artigo de Walter Galvão, que definiu o perfil da revista

Para Henrique, a novela foi um certo equívoco porque Paulo achava que a revista teria circulação interna no Departamento de Artes e Comunicação.

A novela seria um romance pegando coisas e características dos professores e alunos desse Departamento. Mas, como a revista circulava por toda a cidade, uma boa parte dos leitores não entendia nada da novela, pois se referia a um contexto do qual a maioria do público não conhecia (MAGALHÃES, 1988).

A novela foi publicada até o número 10, o último da primeira fase da revista. Quando *Se Toque* voltou, não publicou mais “Em Nome da Rosa e da Filha e da Paraíba. Amém”.

Judith Cospéfogo. Ele/ela nasceu no número 8 da revista. Ele: o pseudônimo. Ela: a personagem. Ambiguidade e segredo mantidos até o número final da revista, ou melhor, até hoje, uma vez que a verdadeira identidade de Judith Cospéfogo continua secreta. Um segredo – como todos – guardado a sete chaves.

Judith é um segredo, um mistério que causou polêmica. As pessoas ficavam inquietas para saber quem era Judith, gerava uma ansiedade... Toda semana as pessoas procuravam saber logo qual era o artigo dela na revista. Isso causou certo sucesso. Ela era isso: uma personagem, uma personalidade criada por algumas pessoas. Era uma crítica ferina que não livrava ninguém de seu olho crítico. Essa personalidade podia ser incorporada por mim ou por outras pessoas... sendo que era mais incorporada por uma determinada pessoa (MAGALHÃES, 1988).

O primeiro artigo de Judith Cospefego, na edição que circulou na primeira semana de dezembro de 1986, pós-resultado das eleições majoritárias de 15 de novembro, saudava o *não* que a Paraíba deu ao braiguismo, “corrente política formada por simpatizantes e seguidores de Wilson Braga e, por extensão, de Paulo Maluf”, como dizia o artigo. Já em sua estreia, Judith disparava sua metralhadora giratória contra figuras do PDS, PFL e não poupava o (então) vitorioso PMDB. Título da matéria: “Don’t cry for me Paraíba ou quando Wilson Braga disse good-bye pobreza” (página 4).

No número 9, em “Apocalipse Nããão!” (página 3), Judith decide deixar de lado a sua “existência medíocre entre o magistério na universidade e a suposta segurança doméstico-burguesa do lar”, “fechar para balanço” e descobre que o desejo não pode esperar: “quero tantos orgasmos quanto puder”. E vai à luta justamente na festa que a revista *Se Toque* promoveria naquela semana.

Em “Marcos Pinto pintou a cafonice” (número 10, página 4), o alvo das críticas virulentas de Judith foi o artista plástico que realizou sua exposição “Pintando o amor” sob intensa campanha publicitária na cidade, campanha, para Judith, destinada a um público “dotado de grana e despojado de um mínimo de senso crítico”.

Alberto Lacet e sua exposição de pinturas foi poupado, ou melhor, elogiado pela crítica em seu artigo seguinte (número 13, página 3). Diante dos quadros de Lacet, “cor de jambo e corpo apetitoso”, Judith vivencia “uma relação sadomasoquista: a gente sofre mas goza. E gosta”.

Em “Xis para um programa sem classe”, Judith conseguiu, talvez, a sua maior polêmica. Ao resenhar o programa “Classe Xis” emitido aos domingos pela Rádio Universitária FM, a personalidade conseguiu fazer inimigos entre o público da revista, os produtores de arte. Criticou – mas

também disse que gostava e recomendou aos leitores – os tipos caracterizados por artistas locais que inclusive colaboravam com a revista. O texto mereceu resposta de um dos criticados (número 15, página 6).

O último artigo de Judith em *Se Toque*, “Crítica: onde o fogo queima”, descrevia a relação artista x arte x poder na Paraíba, dava a origem de sua escola de crítica cultural e se defendia do anonimato resguardado pelo pseudônimo que “não mascara o nome, pelo contrário, revela o que pensa um considerável contingente de pessoas”. Em se tratando de uma “persona” da revista, persona incorporada por alguns que faziam *Se Toque* e outros colaboradores, era a própria palavra da revista sobre o “affaire”. Estavam resguardados, com isso, o pseudônimo, a ambiguidade, o segredo e a “persona grata” a *Se Toque*.

O que ficou?

Em seus 17 números, em suas duas fases, *Se Toque* cumpriu o papel a que se propôs: foi divulgadora e agitadora cultural de uma cidade marcada por ausência de informação dos eventos culturais. Supriu a lacuna informacional deixada pelos jornais diários locais. Incendiou, provocou. No seu projeto de revista alternativa ampliou, disseminou e reforçou certos aspectos da cultura alternativa, aspectos que traduziu em suas páginas que trouxeram certo sabor de contracultura dos anos sessenta, da geração mimeógrafo dos anos setenta e dos pós-tudo dos oitenta. Descobriu que há o que divulgar em termos de eventos culturais em João Pessoa. Que há um público ávido por um jornalismo “diversional” e de serviços e mais, que há anunciantes capazes de bancar (por algum tempo e dentro de seu porte também alternativo) um

projeto de jornalismo calcado nos fatos do cotidiano “diversional” e cultural de João Pessoa.

Inaugurou nova maneira de informar e criticar. Foi espaço garantido para seus colaboradores exercitarem um jornalismo à margem dos moldes da imprensa tradicional. Foi assunto de notas na imprensa local e muito solicitada todas as semanas. A demanda criada por *Se Toque* continua sem ser atendida. O lugar dela está guardado no panorama da imprensa local e provavelmente só será ocupado pelo próprio retorno.

Quando será?

Uma revista em ebulição

Henrique Magalhães

O retorno da revista *Se Toque* se deu no final de abril de 1988 (na revista, marcado como 25 de abril a 8 de maio), um ano e alguns dias após sua última parada. Foi o tempo necessário para se recompor as forças depois de mais uma desgastante tentativa de fazer uma revista cultural periódica. Muitos fatores contribuíram para sua parada no número 17 e outros tantos possibilitaram seu retorno. Antes de analisarmos os problemas estruturais, passemos a uma análise de conteúdo da nova fase que se iniciava.

Perfil crítico reafirmado

Em matéria de conceito, a *Se Toque* continuava a mesma: polêmica, questionadora, debochada, só que um pouco mais ousada, como consequência de toda a experiência adquirida. O número 18 chega a ser emblemático de seu atrevimento. No momento em que toda a imprensa se desdobrava em elogios a Biu Ramos, Secretário de Educação do Estado recém-indicado pelo governador Tarcísio Burity, a *Se Toque* mostrava de forma destemida a verdadeira face anticultural desse jornalista: há alguns anos ele teria protagonizado uma campanha xenófoba contra os profes-

res ditos “estrangeiros” do DAC - Departamento de Artes e Comunicação da UFPB e por extensão contra todo o meio artístico do estado.

Vale lembrar que a campanha moralista desencadeada por Biu Ramos atingiu não só o DAC, mas também, sobretudo, o Teatro Lima Pennante, acusado de antro de depravação. Era esse senhor que assumia o cargo de Secretaria da Educação, responsável também pela pasta da Cultura, numa demonstração premonitória do desastre que seria o governo Burity, em particular na área cultural.



A volta retumbante e polêmica de *Se Toque*

Apesar do mal-estar causado pelo artigo, a imprensa o ignorou, afinal havia um clima de contentamento do meio por se sentir prestigiado pela indicação de um jornalista para assumir um cargo tão importante. A edição da *Se Toque* com o artigo “Já vai tarde, Biu”, de minha autoria, chegou às mãos de Biu Ramos, que ventilou a possibilidade de uma resposta pública. Mas, questionando o alcance da revista – que não ultrapassava a tiragem de mil exemplares –, achou que não valeria a pena trocar-se com o que considerou insignificante.

Judith Cospefogo também se manifestou a respeito do segundo mandato de Burity. Analisando de forma mais ampla os descaminhos desse político símbolo da ditadura (seu primeiro mandato foi por indicação dos militares e não eleito democraticamente) – infelizmente consagrado por uma volta pelo referendo popular –, Judith critica a escolha de Biu Ramos para a Secretaria da Educação. Com sua ironia peculiar, ela dá o tom já na abertura do artigo “Uma Secretaria marcada para morrer”:

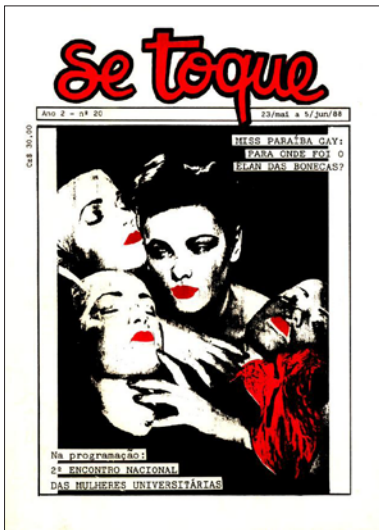
Novembro de 86. El pueblo unido elige Burity – nome de um doce extraído de uma palmeira, a Mauritia Vinifera – como único inseticida anti-praga Braga. A malta artística menos avisada (ou mais esperta) vislumbrou dias melhores para a nossa física cultura. Ledo engano. O Mauritia Vinifera os presenteou com um secretário de nome Severino Pedro Ramos da Silva, o Biu Ramos. Um paradoxo de um governador de paladar elitista, movido a acordes de violino (COSPEFOGO, 1988, p. 5).

A *Se Toque* voltava com toda carga, mais crítica que nunca. Num outro artigo, ainda no número 18, Vandinho de Carvalho, representante do Movimento Negro de João Pessoa, não perdoa os deslizes do político Gilberto Gil frente aos festejos do Centenário da Abolição da Escravatura.

Nos números seguintes tivemos artigos que tratavam de questões

diversas, como os de Judith Cospefogo, que decretava a “Morte ao pudor”, e “Para onde foi o élan das bonecas?”, este sobre o evento Miss Paraíba Gay. Na mesma edição que veiculou este artigo há uma intervenção de Chico Noronha mostrando o lado positivo desse conclave “fechado”: “Homem também pode ser miss”. A revista seguia à risca seu objetivo de pluralidade e estímulo à reflexão.

Nomes importantes do cenário cultural e da Universidade também marcaram presença em *Se Toque* com artigos inusitados e contestadores. O ator e diretor teatral Carlos Cartaxo questionava a política cultural do es-



A revista não poupava nem o lado mais alternativo da cultura local

tado com o texto “O (des)Conselho Estadual de Cultura”, na edição 17 da revista. O Professor José Luiz Braga, do Departamento de Comunicação e Artes da UFPB, apresentou o “Manifesto pela recuperação do nomadismo!”. Na mesma edição a inflamada Judith Cospéfogo atirava para todo lado com o artigo “Crítica: onde o fogo queima”

Outra que gerou grande impacto e certa polêmica foi a edição 22, de 20 de junho a 3 de julho de 1988, última da terceira fase de produção. Na capa, a figura sublime de são João afagando seu carneirinho (imagem decalcada de uma conhecida marca de fogos juninos) e a chamada escandalosa: “Você está trepando bem?”. O título remetia a um artigo de Walter Galvão, uma escancarada apologia ao sexo.



A política e os costumes eram temas recorrentes nas página de *Se Toque*

Quem causou incômodo no meio acadêmico, porém, foi Judith Cospéfogo, com o artigo “O andróide melancólico”. Não chegava a ser um artigo, mas um conto, tomando por base a personalidade de um jovem estudante do Curso de Comunicação Social da UFPB e intelectual

emergente. Embora o conto não citasse seu nome, muitos conseguiram identificá-lo, tomando para si as dores do colega. A indignação generalizada – restrita ao meio acadêmico, deve-se ressaltar – provocou uma onda de protestos e injúrias contra a *Se Toque* e, por indução, contra o editor. Até mesmo uma carta desaforada chegou à redação da revista, exigindo direito de resposta.

O ANDRÓIDE MELANCÓLICO

Um conto de Judite Cospefogo

Numa Paraíba quatrocentona e com a paranóia da peste do século rondando cabeças – até as mais cabeças –, habita num espição de arquitetura pós-moderna (para desespero da Paula da Apan), um rapaz solitário. Magro, alto, de voz dissonante e entre desafinada e pintosa –, ao falar ele mexe todo o corpo. Os gestos não são harmônicos. Ele fala do céu apontando para o chão. Fala do trágico com as comissuras labiais mordendo as orelhas. Feio? Não, nem tanto.

Resta aquele charme youppie: um pouco de gel no cabelo, roupas pretas griffadas, carro, grana, apê, informação, etc. etc. Curte a performática Laurie Anderson e a música minimalista de Philip Glass. Na província, se desmancha pelos úvulas Ardientes. Seu guru é o anormalíssimo Sr. K. Selma Tuareg é sua Diva. Política? Nem pensar. Tudo é podre. A city é São Paulo: fog, garoa, poluição, Madame Satã. Festa só com vinho, jazz e quase ninguém. Cult-movie: Down by Law.



6

Se Toque-22

O artigo de Cospefogo gerou polêmica, mas só queria criticar a apatia intelectual

A figura caricaturada – nosso amigo de corredores e salas de aula da Universidade –, de forma sintomática, reagiu com a frieza própria do “andróide melancólico”, ratificando a perspicácia de Judith. A reação exasperada de seus companheiros demonstrou que o senso de humor aguçado de Judith ultrapassava as fronteiras do que chamaríamos hoje de “brodagem” – da patota, do grupo intocável. Todos estavam sujeitos ao olhar crítico da articulista, que por sua vez era considerada porta-voz da revista.

Com “O andróide melancólico”, Judith queria fazer uma crítica à apatia de nossa intelectualidade, sem particularismos, sem apontar o dedo a ninguém. A falta de humor de certos leitores, aqueles que justamente se julgavam intelectuais, evidenciava que a análise urdida por Judith era até muito acanhada, frente à mediocridade estabelecida.

“Os fazeres”

A *Se Toque* passou por três estratégias associativas – melhor dizendo, administrativas – correspondentes às três fases de produção da revista. A primeira fase, do número 1 ao 10 (de outubro a dezembro de 1986), foi marcada pelo trabalho individual, solitário, de busca de caminhos e confrontando-se a todo instante com a inexperiência e os percalços incontornáveis de um empreendimento editorial desse porte. A revista conseguiu uma proeza inimaginável: passou da impressão em estêncil eletrônico a offset, de quinhentos a mil exemplares, do patrocínio institucional à inserção de comerciais. *Se Toque* experimentava um dinamismo manifestado pela periodicidade semanal, pelo assédio do público, pelo entusiasmo com que foi recebida.

Na segunda fase, do número 11 a 17 (maio a julho de 1987), prevaleceu o princípio da cooperativa, com um grupo de estudantes de Comunicação Social e Arquitetura dividindo as tarefas e reafirmando os propósitos da revista. A terceira fase, do número 18 a 22 (abril a julho de 1988), a mais breve, foi uma tentativa de profissionalização da revista, que era retomada por uma equipe reduzida, com papéis e funções bem delineados. A seguir, descrevemos como se desenvolveu o trabalho em cada uma das fases, com suas descobertas, dificuldades e soluções.

Caminho solitário

Durante quase todos os 10 primeiros números, a *Se Toque* foi um trabalho personalizado, editado sob minha responsabilidade. Esse trabalho compreendia todo o processo de produção: coleta de informações, redação, composição dos textos em máquina datilográfica, ilustração, ampliação e redução de originais em fotocopiadoras, montagem, intercalação e distribuição; os contatos publicitários também eram feitos pelo editor, bem como a cobrança dos anúncios.

A revista contava com colaborações eventuais de artistas, que escreviam artigos. Os promotores de cultura abriram suas portas, fornecendo os dados da agenda cultural. Dessa forma, a revista vinha complementar o fraco jornalismo crítico e de informação cultural da cidade.

A partir do número 9 aparece a figura do Diretor Administrativo, a cargo de Gliberto Martins, estudante do Curso de Comunicação Social da UFPB. O papel de Gliberto seria o de administrar toda a parte financeira da revista, reservando ao editor o trabalho de coleta de informações, além da parte textual e artística. A experiência, no entanto, não

pode ser posta à prova. A parada iminente da revista no número 10 não possibilitou a efetivação da parceria.

O salto fundamental, do patrocínio do SESC ao autofinanciamento comercial, deu-se por um golpe de sorte. Com o apoio do SESC, que fazia a impressão da revista em estêncil em troca de publicidade institucional, foram editados os três primeiros números.

A relação com os funcionários do SESC, embora cordial num primeiro momento, criou um clima de estranhamento com a continuidade do trabalho. A publicação de uma revista semanal por alguém que não pertencia à instituição chamou a atenção para o fato de o próprio SESC não possuir um periódico dirigido aos associados. Com o argumento de que a linha editorial da *Se Toque* não interessava aos comerciários, a revista deveria parar após a segunda edição. Essa determinação foi anunciada quando o terceiro número já estava pronto para impressão, que finalmente pode ser impresso como última edição.

Diante deste fato inesperado, restavam duas saídas: parar a revista ou tentar financiá-la com inserção publicitária. Mesmo sem garantias de que seria impresso, o quarto número foi montado e começou a luta por sua publicação. Com o boneco da revista na mão, o passo seguinte foi procurar uma gráfica para fazer o levantamento de custos da edição. A Unigraf apresentou um orçamento bastante razoável para a impressão em offset de quatro folhas formato ofício, impressas na frente e no verso. As folhas dobradas ao meio dariam as dezesseis páginas da revista. O que mais surpreendeu no contato com a gráfica foi o engajamento de seu diretor, Cosmo, à proposta da revista, comprometendo-se a imprimi-la semanalmente, com um curto prazo para entrega da edição.

Com o boneco da revista e o orçamento na mão, partiu-se para a busca de publicidades. O golpe de sorte foi ter encontrado um verdadeiro

mecenas justo na primeira abordagem. Sem muitos questionamentos, os proprietários do bar e restaurante “Bistrô 16” se sensibilizaram com a proposta da revista e resolveram bancar sua edição, cobrindo todo o custo em troca de duas publicidades, uma do próprio bar e outra de uma clínica de psicologia. O Bistrô era um restaurante e bar requintado, um ambiente ao mesmo tempo descontraído e de bom gosto, situado num dos mirantes da cidade, na praça em frente à Catedral – hoje Basílica – de Nossa Senhora das Neves. Era o bar da moda, onde a intelectualidade se encontrava no final da tarde para apreciar o por do sol, um público de interesse potencial para a revista *Se Toque*.

O Bistrô cobriu o custo da revista por vários números, o que possibilitou a sobrevivência da revista. Contudo, outros empreendimentos comerciais foram contatados para a publicação de anúncios, obtendo-se boa receptividade. Na cidade havia um mercado que se pode dizer “alternativo”, formado por galerias de arte, restaurantes, lojas de produtos naturais, escolas infantis, locadoras de vídeo etc., que dava para manter uma publicação como a *Se Toque*. Cada novo anúncio conseguido representava lucro ou reserva de capital. O objetivo era não depender de um só anunciante, buscar opções de financiamento que garantissem a estabilidade e a autonomia da revista.

Enquanto publicação, a *Se Toque* teve um resultado bastante positivo: foi editada com regularidade, criou um espaço novo entre os



Bar e Restaurante
Aberto à partir das onze horas
Praça Dom Ulrico, 16 – Centro
Fone 224-7242 - J. Pessoa-PB

O bar e restaurante “Bistrô 16” garantiu a primeira fase da *Se Toque*

veículos de comunicação e atingiu o público como planejado. Paradoxalmente, não conseguiu sustentar-se por longo tempo. O curto período de tempo entre as edições e o acúmulo de atividades do editor – que tinha que atuar também no Curso de Comunicação Social da UFPB, onde era professor – tornaram inviável a manutenção da revista. Para sua realização de forma satisfatória, seria necessário um trabalho de equipe, onde as tarefas pudessem ser divididas e planejadas. A falta de tempo, sobretudo para o desenvolvimento do setor comercial, acabou por levar à interrupção da revista.

A cooperativa

A primeira fase da *Se Toque* durou até 21 de dezembro de 1986. Em 18 de maio de 1987 ela faria seu retorno com 12 páginas ao invés das 16 da fase anterior, agora editada por uma equipe. A *Se Toque* tinha deixado marcas na cidade, particularmente em alguns estudantes entusiastas do Curso de Comunicação Social da UFPB.

A volta da *Se Toque* foi um esforço conjunto do editor com os estudantes universitários. Para estes, participar da revista era promover a agitação cultural da cidade e um bom meio para o exercício da futura profissão. A equipe passou a ser formada por Henrique Magalhães (edição, redação e arte), Sônia Santos e Gliberto Martins (redação) e Vanildo Júnior, Mafaldo Júnior e Rogério Costa (arte). Da equipe, os que não cursavam o Curso de Comunicação Social eram Vanildo Júnior (estudante de Arquitetura e Urbanismo na UFPB, quadrinista e ilustrador) e Rogério Costa (ilustrador).

Nota-se, de imediato, uma divisão de tarefas na elaboração da revista. Se os papéis estavam aparentemente definidos de acordo com as

aptidões de cada um, é certo que a concepção da revista era fruto de uma discussão interna e de uma decisão conjunta (vide o capítulo anterior, de Sandra Albuquerque ao abordar a polêmica gerada pelo artigo de Walter Galvão, que definiu o perfil da revista). Não havia hierarquia, mas convergência de interesses.

Essa nova estrutura da *Se Toque* funcionava como uma cooperativa informal. Todos trabalhavam em prol de sua edição. Caso houvesse lucro com a venda dos anúncios, parte deste seria dividido equitativamente entre os membros da equipe, outra parte seria empregada no melhoramento da própria revista; caso ela não conseguisse ter os custos cobertos, o editor arcaria com a complementação do valor necessário para a publicação. Essa diferença de responsabilidade deveu-se ao fato de o editor ser o único a ter uma atividade profissional, sendo os demais estudantes, sem recursos para investir na revista.

A segunda fase da *Se Toque* chegou ao número 17, de 6 a 12 de julho de 1987. Os problemas enfrentados pela equipe foram praticamente os mesmos que os da primeira fase, sendo o principal a falta de um contato publicitário exclusivo para vender a revista. Apesar de a divisão de tarefas ter amenizado a sobrecarga de trabalho sobre o editor, este ainda tinha que vender os espaços publicitários e fazer a cobrança, uma tarefa para a qual não se considerava habilitado. Em alguns números a revista cobriu os custos, noutros teve que contar com os recursos do editor. Em nenhum momento houve lucro, não tendo o que ser partilhado pela equipe. Isso, de forma alguma, desmotivou o grupo, que trabalhava com uma grande dose de idealismo.

A “profissionalização”

Quase um ano depois, uma nova tentativa fez ressurgir a *Se Toque*. A partir do número 18 a revista passou a ter periodicidade quinzenal, mantendo as mesmas 12 páginas. A novidade foi que a capa ganhou uma segunda cor, tornando-se mais atraente e rica em recursos gráficos. Na capa passou a figurar o preço da revista – 30 cruzados – e a partir do número 19 circulou com um cupom de assinatura.

O problema de financiamento da revista continuou recorrente. A vendagem de assinaturas foi uma tentativa de buscar a autossustentação, que se não desse para cobrir os custos da edição ao menos seria um complemento à receita publicitária. Alguns leitores fizeram assinaturas, como forma de incentivo à revista, embora ela continuasse a ser distribuída gratuitamente nos pontos comerciais dos anunciantes e de mão em mão, pela equipe. O preço de capa serviria para uma futura distribuição nas bancas de revistas, o que foi tentado com uma das edições em uma única banca, mas sem resultado compensador.

Nessa fase a *Se Toque* teve sua equipe reduzida a Henrique Magalhães (edição e arte), Sônia Santos (redação) e Débora Vieira, que se encarregou do contato publicitário. A relação entre os membros da equipe também mudou. Da pretensão de ser uma cooperativa, passou a ter um perfil semiprofissional, onde Sônia Santos e Débora Vieira recebiam, cada uma, mas sem qualquer compromisso formal, um salário mínimo mensal. Débora teria ainda uma porcentagem da venda de publicidades, caso estas ultrapassassem o necessário para a edição da revista. O que em nenhum momento ocorreu.

Foi tentado ainda vender a proposta da revista para algumas agências publicitárias, que se encarregariam da parte comercial da publicação. Mas não houve interesse das agências por um veículo de pequeno porte e alternativo.

A última fase da *Se Toque* durou até a quinzena de 20 de junho a 3 de julho de 1988. O fato de a revista ter se tornado quinzenal acarretou alguns problemas: além do longo prazo para circulação, as informações culturais publicadas nem sempre correspondiam de fato, consequência do imediatismo das produções locais e da falta de planejamento dos produtores.



Se Toque
INFORMAÇÃO E CULTURA

Cinema, teatro, shows, quadrinhos, rádio, concertos, exposições e todos os eventos culturais de João Pessoa estão semanalmente na *Se Toque* - única revista especializada em cultura em nossa cidade.

Se Toque oferece ainda artigos, comentários e críticas sobre as principais manifestações de nossa produção cultural.

Assinando *Se Toque* você receberá sua revista em casa e estará ajudando a consolidá-la como revista alternativa.

Se Toque Assinatura de Reserva

SIM Quero assinar a SE TOQUE por dez edições consecutivas a partir do número Não mande dinheiro já, mande o cupon e aguarde contato.

Estou enviando o cheque no valor de Cz\$ 100,00

Nome _____

Endereço _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____

CIC/CGC _____ Fone _____

Data _____ Assinatura _____

Campanha de assinaturas para autossustentação da revista

Fecho de mais uma fase

Os 22 números da revista *Se Toque* apontam algumas pistas sobre o jornalismo cultural na cidade. O espaço continua aberto a produções do gênero já que os veículos “oficiais” – os jornais diários – não fazem uma cobertura abrangente nem informam de maneira crítica a produção artística local⁶. A *Se Toque* criou uma empatia enorme com seu público, formado pelos frequentadores dos sítios alternativos e artísticos da cidade, pelos intelectuais, artistas e universitários. Havia uma verdadeira expectativa em torno de cada edição da revista, em parte causada pelas provocações de Judith Cospefego, doutra parte para suprir a falta recorrente de informações sobre a programação cultural.

Em todas as três fases, a revista contou com o empenho e a boa vontade dos amigos, que ora participavam de sua distribuição, ora ajudavam na elaboração. O cineasta e fotógrafo Bertrand Lira estava sempre presente dando dicas importantes da programação e, sobretudo, ajudando na redação. Outra participação fundamental foi a do diretor teatral Carlos Cartaxo, que deu apoio logístico para a montagem da revista e para os debates internos da *Se Toque*, além de ser um contundente colaborador.

A memória da *Se Toque* permaneceu por bom tempo no imaginário do meio artístico e cultural da cidade. Judith Cospefego era lembrada como uma figura emblemática, imprescindível contra todas as mediocridades. A cada desastre pretensioso do cenário cultural, seu nome ainda é evocado como a voz cristalina da consciência do público.

6. Dos quatro jornais impressos diários que se tinha até a primeira década de 2000 resta apenas *A União*, órgão oficial do estado; os demais – *O Norte*, *Jornal da Paraíba* e *Correio da Paraíba* – desapareceram, viraram sites ou portais de comunicação na internet.

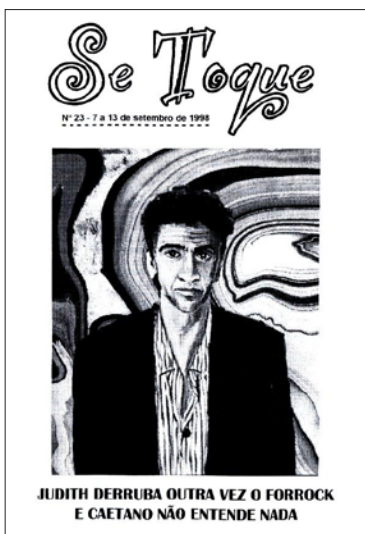
Não há saudosismo pela *Se Toque*. Ela cumpriu seu papel enquanto existiu. Há uma constatação de que mais que nunca, frente a um tempo de refinadas bajulações, um veículo de seu porte se faz necessário para levantar questões essenciais, desbancar os egos e abrir possibilidades para uma informação reflexiva e crítica.

Efêmero e bombástico retorno

Foi preciso dez anos para uma nova tentativa de fazer valer a *Se Toque*. A ideia da revista continuava viva na memória dos leitores e, é claro, de seus produtores. A cidade contava ainda com um vazio nesse campo editorial, que abarcasse de forma crítica e informativa os eventos culturais. Portanto, a *Se Toque* ainda não tinha se dado por vencida e ensaia mais um retorno. Na semana de 7 a 13 de setembro de 1998 saía o número 23 da revista.

No editorial da primeira edição dessa nova fase, encontramos o propósito da retomada, sem dispensar uma crítica direta ao jornalismo “oficial”: “Nessa ausência toda, uma incontornável constatação: como João Pessoa cresceu!... e como nosso jornalismo cultural continua pobre! Falta criatividade, crítica, investigação, antecipação de tendências, tudo o que um bom ‘Segundo Caderno’ deveria ter.” E arremata: “A *Se Toque* não pretende salvar a pátria, mas ser um canal instigador da produção cultural e fazer a sua divulgação o mais abrangente possível. Portanto, a velha fórmula ainda atual para um tempo ‘novo’.”

Com chamada de capa bombástica, “Judith derruba outra vez o Forrock e Caetano não entende nada”, a *Se Toque* fazia apelo a sua maior atração, a crítica ferina de sua articulista misteriosa, e bem-humorada. O artigo faz referência, numa só lapada, às más condições da



Em mais um retorno de *Se Toque*, Judith esquentava a crônica cultural da cidade

casa de show Forrock, que caiu durante a construção, mas que fora reerguido sobre o mangue, e o estrelismo de Caetano Veloso, num infeliz show nessa “churrasqueira de beira de estrada”, como se referiu Judith ao Forrock. Como sempre enfezada e polêmica, Judith também cutuca a imprensa local, que não fazia uma cobertura decente dos

eventos artísticos e culturais da cidade.

Além de quadrinhos de Henrique Magalhães e Cristovam Tadeu, com *Maria e Bartolo*, respectivamente, a revista trazia a cobertura da programação da semana, com cineclubes, cinemas, exposições, publicações, rádio, teatro, além de um roteiro com todas as salas, que incluía bibliotecas, centro cultural, cineclubes, cinemas, galerias, gibitecas, museus e teatros. Outro texto fora publicado nessa edição, de autoria do editor, com uma resenha do livro *Falas & Balões*, do professor Marcos Nicolau, lançado pelas editoras Marca de Fantasia e Universitária da UFPB.

O que se pode destacar nesse retorno da *Se Toque* é que se trata de uma iniciativa individual, após as várias tentativas de montagem de um grupo de trabalho. A editoria aparece apenas sob o comando de Henrique Magalhães, com o apoio de uma equipe técnica, formada por Nina Ramalho e Bertrand Lira, e a colaboração de Cristovam Tadeu, que cedeu uma tira de quadrinhos. Como função da equipe técnica entenda-se a distribuição da revista, já que todo o encargo editorial – da coleta de informações à diagramação e venda de anúncios – ficou mesmo sob o comando do editor.

No tocante às partes conceitual e técnica, a revista se propunha a ser novamente semanal – tempo ideal para a cobertura da programação cultural sem muita defasagem –, contando com as 12 páginas, mesma quantidade da fase anterior. O formato era o A5 (14,8x21cm), ou seja, uma folha A4 dobrada ao meio. O diferencial, que sem dúvida facilitou o processo editorial, foi a utilização de programas gráficos de computador. Esses recursos aceleraram a produção já que, diferentemente das fases anteriores, não era mais preciso recorrer ao trabalho artesanal de ampliar e reduzir originais em fotocopiadoras, nem fazer a paginação com colagens sobre uma diagramação traçada no papel. Todo o processo tornou-se digital, da digitação dos textos à digitalização das imagens, bem como a montagem na diagramação virtual.

Certamente, esse processo de produção facilitado foi o que animou o editor da *Se Toque* a tentar lançar novamente a revista. Embora o trabalho continuasse corrido para uma semana, essa fase de editoração, além de se tornar mais prática, era mais prazerosa. O problema continuava com relação ao levantamento dos dados, que eram coletados diretamente nos locais de produção e veiculação cultural (como galerias, teatros, cinemas etc.), e, principalmente, a venda e cobrança das publicidades, que era a parte mais penosa e menos interessante do processo editorial. Essa atividade publicitária foi sempre a mais imprecisa de toda a história da revista e continuaria sendo nessa fase, já que essa atividade, como dito acima, contava também com o empenho de seu editor.

Apesar da intenção de retomar a revista, não havia uma base sólida para sua manutenção. O trabalho editorial – facilitado pela informática – estava garantido, mas sua sustentação econômica continuava precária e sem perspectivas de consolidação. Na edição 23, além da divulgação de produtos da Marca de Fantasia, que era a editora da *Se Toque*,

contou-se com apenas quatro inserções publicitárias no formato de um “tijolinho” (largura de uma coluna da revista – 6,2cm – por 4,0cm de altura. Anunciaram na edição O Sebo Cultural, o candidato a Deputado Estadual pelo PT Ricardo Coutinho, a Aliança Francesa e o Teatro Lima Penante. Portanto, muito pouco para pagar a edição da revista, que continuou mesmo assim.

ROTEIRO

CINEMAS

MUNICIPAL – rua Visconde de Pelotas, 123, Centro, Tel.: 221.2020.

REX MANAIRA I – Manaira Shopping Center, Av. Flávio Ribeiro Coutinho, s/n. Tel.: 216.6004.

REX MANAIRA II – Manaira Shopping Center, Av. Flávio Ribeiro Coutinho, s/n. Tel.: 246.3321.

GALERIAS

ALIANÇA FRANCESA – Av. Bento da Garne, 396, Torre, Tel.: 221.2010

ARCHIDY PICADO – Espaço Cultural. Av. Presidente Kennedy, s/n, Tambauzinho. Tel.: 244.1360.

BRASIL-ÁFRICA – Av. Maranhão, s/n. Bairro dos Estados, Tel.: 231.6261.

CENTRO DE ARTES VISUAIS TAMBIRÁ – Pg. da Independência.

GALERIA DE ARTE POPULAR TENENTE LUCENA – NUPPO, Prédio da Retorta da UFPP, Campus Universitário, s/n. Tel.:

GAMELA – Av. Almirante Barroso, 144, Centro. Tel.: 221.8857.

NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA – NAC, Rua das Trincheiras, 275, Centro. Tel.: 221.9630.

PINACOTECA DA UFPP – Campus Universitário, s/n. Tel.: 216.7330.

GIBITECA

GIBITECA HENFIL - Espaço Cultural - Av. Presidente Kennedy, s/n, Tambauzinho. Tel.: 244.1360.

MUSEUS

CASA DE JOSÉ AMÉRICO – Av. Cabo Branco, 3336.

CRIPTA DE EPITÁCIO PESSOA – Tribunal da Justiça, Praça João Pessoa, Centro.

JOSÉ LINS DO REGO – Espaço Cultural. Av. Presidente Kennedy, s/n, Tambauzinho. Tel.: 244.1360.

MEMORIAL AUGUSTO DOS ANJOS– Academia Paraibana de Letras. Rua Duque de Caxias, 25, Centro.

MUSEU DA CULTURA POPULAR PARAIBANA – NUPPO, Prédio da Retorta da UFPP, Campus Universitário, s/n. Tel.:

MUSEU FOTOGRÁFICO WALFREDO RODRIGUES – Casa da Pólvora, Ladeira de São Francisco, Centro.

PLANETÁRIO

ESPAÇO CULTURAL, Av. Presidente Kennedy, s/n, Tambauzinho. Tel.: 244 1360, ramal 323.

TEATROS

CILIAO RIBEIRO – Rua General Osório, s/n, Centro.

EDNALDO DO EGYPTO – Rua Maria Rosa, 284, Manaira. Tel.: 247.1449.

LIMA PENANTE – Av. João Machado, 67, Centro. Tel.: 221.5835.

PAULO PONTES – Espaço Cultural. Av. Presidente Kennedy, s/n, Tambauzinho. Tel.: 244 1360.

PIOLLIN – Ao lado da Bica (Parque Arruda Câmara), Tel.: 241.

SANTA ROZA – Praça Pedro Américo, s/n, Centro. Tel.: 241.1830.

IMPERDÍVEL: MAIOR E MELHOR

KRONER

O VERDADEIRO CIRCO

AV. RUI CARNEIRO, EM FRENTE AO MCDONALD'S

SEGUNDA A SEXTA às 20h30

SÁBADOS às 15h, 17h30 e 20h30 • DOMINGOS às 10h, 15h, 17h30 e 20h30

O Roteiro passou a circular na 4a capa, junto com o anúncio do circo Kroner

Capa ♦ Expediente ♦ Sumário

53

Outros anunciantes apostaram na sequência da revista, dando-lhe a sobrevida dessa nova fase editorial. Nesse período, próximo das eleições, Ricardo Coutinho ampliou seu espaço publicitário para dois “tijolinhos” no sentido vertical (6,2x8,8cm), o que foi seguido por seus companheiros de partido Júlio Rafael e Avenzoar, candidatos a Deputado Federal. Passaram também a anunciar Beto Montenegro (despachante), o colégio IPEI, a livraria Livro A, a escola de línguas Yázigí, o restaurante Komidakilo, o Salpicante Restaurante, a Galeria Gamela, circo Kroner, a agência de turismo El Shadai e Denise Designer. Estes anunciantes se mantiveram constantes, mantendo a revista em seu limite de custo, o que foi um apoio mais solidário que comercial. Contudo, isto não lhe trouxe qualquer benefício extra, que garantisse seu crescimento e evolução.

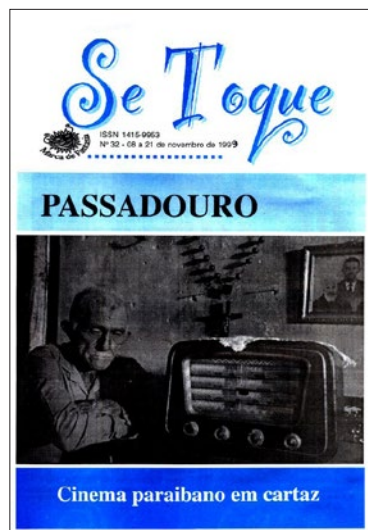
A *Se Toque* resistiu até o número 32, perfazendo 10 edições nessa fase produtiva. Do número 23 ao 27 a revista teve periodicidade semanal, sendo esta última referente à semana de 5 a 11 de outubro de 1998. O número 28 saiu com uma semana de atraso, no dia 19 de outubro; a edição 29 saiu no prazo, na semana seguinte. Os números 30 a 32 traziam na capa a periodicidade quinzenal, sendo o número 31 de 7 a 20 de dezembro de 1998; o número 32 foi lançado quase um ano depois, constando o período de 8 a 21 de novembro de 1999.

A última edição da *Se Toque*, que havia parado há um ano, no número 31, foi feita especialmente para a divulgação do filme *Passadouro*, de Torquato Joel, que assina o texto publicado na revista. Torquato era parceiro e amigo de longas datas do editor e isso foi fundamental para a veiculação dessa edição fora de contexto e – pode-se considerar – excepcional. Em seu perfil editorial, a revista seguia o mesmo padrão, com artigo, carta, programação cultural, quadrinhos, mas com

a ausência inexplicável de Judith Cospefogo. Esta falta demonstra o descompasso desta edição desgarrada, que encerraria a aventura impressa da *Se Toque*.

No transcorrer dessa fase da *Se Toque*, um elemento importante foi acrescentado. A revista passaria a ter, a partir do número 27, de 5 a 11 de outubro de 1998, inscrição no ISSN (1415-9953), que é o cadastro nacional de publicações seriadas. Dessa forma, a revista estava indexada, sendo registrada oficialmente como uma publicação cultural periódica. Isto é importante porque indicava o empenho do editor de tornar a *Se Toque* uma publicação profissional, intenção que se aplicava em toda a gama editorial da editora Marca de Fantasia. A editora, assim como a revista *Se Toque*, eram atividades de extensão da Universidade Federal da Paraíba, onde seu editor atuava como professor do Curso de Comunicação Social.

A *Se Toque* pequenina, parafraseando a Paraíba, era mulher-macho sim senhor. Seu editorial incorporado em Judith Cospefogo causou sempre muito incômodo na classe artística da cidade, além de choros e indignação nem sempre justificáveis. Era esse mesmo o espírito de Judith, e da *Se Toque*, mexer com as idiossincrasias e a arrogância pretensamente intocáveis dos artistas da província. E foi como verdadeiros provincianos que muitos deles reagiram, de forma enfezada e deselegante, soe grosseira.



Filme de Torquato Joel motivou o lançamento do último número de *Se Toque*

Na edição 27, de 5 a 11 de outubro de 1998, foi criada a seção “Correio elegante”, para dar voz aos leitores, que cada vez mais sentiam o desejo de participar da revista. O próprio título da seção não era mais que uma ironia, pois estreava com um petardo inqualificável de Chico Noronha, jornalista e Diretor Cultural do SESC. Sentindo-se atingido por uma crítica teatral de Judith Cospéfogo, que não mediu palavras para evidenciar o tom bajulador e hiperbólico da pseudo-crítica cultural da cidade, Chico Noronha (1998) mandou um bilhete ao editor em que se desdobra em rasteiros impropérios:

Henrique e Bertrand, de uma coisa tenho certeza, sou bem melhor como profissional e pessoa do que aquele que se utiliza do subterfúgio Judith Cospéfogo. Liga não, é só despeito e mau caratismo mesmo, amiga! Micagem de veado obsoleto. Aliás, qual a contribuição da verdadeira Judith para o jornalismo cultural? Qual o seu grande texto? Somente pintas, coisa de veado, um textinho cheio de frases de efeito, para chamar atenção das pessoas em relação ao tal Judith.

Enfim, você e o arremedo de professor Bertrand tiveram coragem de assumir publicamente que não me engolem. O mau caratismo é tanto que você não apareceu no SESC para divulgar a Se Toque, como faria uma pessoa decente e que assume as micagens que comete.

No mais, de trucagem em trucagem vocês vão sobrevivendo. Como não tiveram uma idéia nova e encontravam-se esquecidos, pelo mundo, trancafiados num gueto de supostos intelectuais cheios de paranóias e recalques, resuscitaram a tal Judith. Obrigado e beijos, Chico Noronha.

O texto de Chico não enviado à revista, mas ao editor, entregue por um de seus estagiários do SESC, procurava a intimidação, fazendo confusão entre o texto de Judith e Henrique Magalhães e Bertrand Lira.

É claro que a personalidade de Judith nunca foi revelada e era esse um jogo instigante que mobilizava a curiosidade do público. Por outro lado, de forma acertada, o público sabia que não precisava atribuir os textos de Judith a um autor, sendo os mesmos o espírito da revista, o editorial, com o qual o público se identificava.

De certo modo, o texto de Judith era a tradução do senso comum, o que muitos queriam dizer e não podiam, ou não dispunham de um veículo. Não podiam porque iriam indispor-se com as personalidades criticadas, o que seria uma temeridade numa cidade de muros baixos. E mesmo que quisessem, não havia espaço pra isso, já que os jornais não se interessavam pelos textos questionadores, se restringiam à reiteração das vaidades constituídas propagadas pelas circulares de imprensa.

O que não se esperava era que uma carta como essa fosse publicada na *Se Toque*, mas foi, com o acréscimo ao nome do autor de sua função como Diretor de Cultura do SESC. A incompatibilidade da função com a qualidade do discurso foi a melhor resposta dada pela revista, que a partir daí deixou o canal aberto para outras manifestações dos leitores. E muitos tomaram as dores da *Se Toque*, defendendo seu direito a voz dissonante num universo cultural de discursos afinados com o lugar-comum. Numa das cartas recebidas pela revista, Amador Ribeiro Neto, professor do Departamento de Letras da UFPB, corrobora com esse direcionamento:

Cara Judith, li seu texto na Se Toque 26 e gostei. Muito. Você escreve com humor e inteligência. Sem medo. Fala o que ouço a boca pequena na boca de muita gente. Agora estas pessoas (e eu aí me incluo) temos uma representante de nossas opiniões sobre arte na imprensa. Não importa que seja imprensa nanica. Afinal, as melhores coisas da vida começam nanicas (e depois crescem, ficam eretas, concor-

da?). Pois é. Muito bom encontrar você e suas idéias sempre no lugar certo. Destemida, você veio desafinar o coro dos eternos contentes desta terra! Beleza pura” Parabéns. E continue nos dando voz e vez! (RIBEIRO NETO, 1998).

Na edição 30, de 16 a 22 de novembro de 1998, Amador participa da revista com o artigo “Uma Medéia de quengas e cordas”, em que faz uma crítica ao espetáculo “Medeamaterial”, com texto de Heiner Müller e direção de Éverton Barbosa, com a atriz Ana Cristina Marinho, em cartaz na cidade. Na edição 31, de 7 a 20 de dezembro de 1998, Amador voltaria à carga, desta vez com uma longa carta endereçada a Judith em que tece “3 ou 4 palavras sobre o nosso teatro pebaparaibano” (RIBEIRO NETO, 1998). A carta a Judith foi mero recurso estilístico, pois o que Amador fez foi mais um artigo sobre teatro, criticando de forma contundente as produções locais. A resposta à carta/artigo de Amador só foi publicada um ano depois, no último número da revista.

Desta vez foi Fernando Teixeira (1998) quem ocupou toda a página do “Correio elegante”, contestando de forma indignada a falta de conhecimento e respeito por Amador Ribeiro Neto ao teatro paraibano. Nesta, até Judith foi atacada, comparada com uma imitação do Macaco Simão. Como se sabe, o Macaco Simão é um personagem de José Simão, articulista da *Folha de S. Paulo* cujo texto sarcástico incomodava os artistas e políticos do Sudeste. Só que, em respeito a sua originalidade, Judith é anterior ao “Macaco Simão”.

O clima andava quente quando a *Se Toque* parou definitivamente como revista impressa, no número 32, de 8 a 21 de novembro de 1999. Nessa altura, a participação do leitor se tornara imprescindível, seja para reforçar o espírito crítico da revista, seja para o desabafo indignado das personalidades atingidas. A seção “Correio elegante” cumpria

bem seu papel, traduzindo o inconformismo da revista, bem como a pluralidade dos discursos.

Judith Cospefogo em evidência

Se desde o início a personagem Judith Cospefogo causou sensação, além de uma porção de intriga; ela acabou se tornando maior que a revista. Com o fim da *Se Toque*, Judith continuava aclamada pelo público, que cobrava sua volta de alguma forma. Essa forma poderia ser a internet, como efetivamente ocorreu.

A revista *Se Toque* provocaria o surgimento de outros títulos congêneres, em empreendimentos de outros editores, a exemplo das revistas *Agenda*, encartada no jornal *A União* em meados da década de 1990; *Philipéia*, lançada por Augusto Magalhães no início dos anos 2000; *Vivajp*, editada por Rosualdo Rodrigues em 2003 e 2004; e a *Cenário Cultural*, lançada em 2008 por Leonardo Uchôa e Sarah Falcão. Mas Judith continua única, um fenômeno à parte em nosso jornalismo cultural. Ela segue ainda hoje no imaginário do público da época e nos olhares enviesados das pretensas sumidades da arte local.

Para preencher, em parte, essa carência de criticidade e humor, a *Se Toque* voltou num formato especial, como um volante distribuído por e-mail para uma lista de leitores. Seu formato era o mais simples, um texto de Judith e um cabeçalho, com o nome da revista. Não mais as cartas, os colaboradores, a agenda cultural. O panfleto poderia se chamar, por exemplo, “*Cahiers* de Judith Cospefogo”, já que agora ela era o centro e seu único objetivo, mas continuou sendo *Se Toque*, retomando a provocação do título da revista.



Se Toque

Paraíba, Brasil
Nº 23 - julho 2005
Editores: Henrique Magalhães e
Bertrand Lira
setoque@ig.com.br



VINGANÇA, NÃAAO!!



Pedófilos e homossexuais não são farinha do mesmo saco, embora a Santíssima Igreja Católica insista em empacotá-los. Acredito eu, ex-candidata a irmã Dulce de Cabaceiras pelas caridades prestadas aos mancebos e velinhos carentes da minha terrinha. No entanto, nunca fui reconhecida ou beatificada, o máximo que carreguei de lá foi a alcunha de Geni. Mas Deus tá vendo. Ele (quem garante que Deus é ele?) só não viu que o arcebispo que passou a mão na cabeça dos padres pedófilos na terra do tirânico Bush, concedendo a tolerância que Francisco Pereira Nóbrega roga no seu artigo “Pedofilia e Tolerância” (Jornal Correio da Paraíba, 25/06/05), é o mesmo que agora, no Vaticano, anda celebrando missas para Bento XVI. O mesmo Bento que segue os rastros do conservador João Paulo II, aspirando ao status de popstar tão bem cultuado pelo antecessor, e que acaba de lançar a cartilha da intolerância, condenando sexo antes do casamento e o amor entre pessoas do mesmo sexo. Uma igreja que nada contra a corrente ao encontro da Idade Média - quando pôde pintar e bordar - em busca de bruxas para alimentar suas fogueiras da vaidade.

Sei que estou ranzinza, mas liguem a TV e me dêem um motivo, apenas um, para eu dizer “GIZ” e eternizar um belo sorriso hipócrita para a

revista CARAS. Olé! A Espanha mostrou ao mundo que sabe tratar seus cidadãos de forma igualitária. Pelo menos uma boa notícia.

Chega de divagações: vamos ao famigerado artigo do autor de um belo romance de memórias, o “Vingança, não”. Certamente não é por ingenuidade que Pereira pede compreensão para os pedófilos porque é “uma doença sexual compulsiva”. E incorre num erro gravíssimo (mais precisamente, num preconceito) quando nivela pedofilia a homossexualismo, já banido nas sociedades democráticas da lista de desvios sexuais. É bom lembrar que esse tipo de preconceito dá cadeia. O padre e filósofo chega a atribuir a prática pedofílica ao celibato imposto pela Santíssima Sé. Pode, Santa? Há padres, e muitos, que optam por não traumatizar crianças inocentes e vão em busca de seus objetos do desejo, sejam homens ou mulheres, adultos que por livre e espontânea vontade aceitam satisfazê-los - e se satisfazerem - sem mesmo incorrerem em assédios ou abusos. Isso não é doença. Isso é o livre exercício da sexualidade, seja ele hetero ou homo, entre dois adultos. A esses se deve respeito. Abusar de criancinhas, sim, é crime. A esses criminosos não se deve tolerância. A justiça dos homens, terrena e bem palpável (as grades do xilindró) está af pra isso.

Na edição virtual de *Se Toque*, Judith se tornou a única atração



Se Toque

Paraíba, Brasil
Nº 22 - abril 2005
Editores: Henrique Magalhães e Bertrand Lira
setoque@ig.com.br

POR QUE OS ALUNOS DO DECOM AGRADECEM A DEUS?

"O mito é o nada que é tudo", esta frase de Fernando Pessoa, citada por Lula Mousinho em sua crítica às minhas singelas reflexões, sintetiza bem o poder do mito. Os mitos foram espontaneamente engendrados na aparição dos primeiros agrupamentos humanos que fizeram uso da linguagem. Mito, linguagem, ideologia se encontram indissociáveis. Para fazer jus ao raciocínio do professor Lula Mousinho, baixarei minha veia antropológica, adquirida a duras penas na minha graduação em Campina Grande.

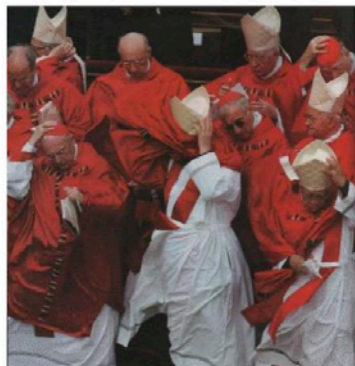
Se Mircea Eliade, um grande estudioso de Imagens e Símbolos queimou as pestanas para conhecer o assunto, certamente não foi para ser um servil da herança mitológica legada à humanidade até os nossos dias. Jung e Freud também deram uma grande contribuição para o conhecimento dos símbolos e dos mitos e para a libertação de seus pacientes de obsessões, medos e dominações. Minhas raízes simplórias me impedem de enganar meus leitores pimpolhos com falsa erudição de leituras apressadas. Mesmo assim, cito Durkheim, que legou à humanidade um excelente tratado que explica o surgimento das religiões.

Ao contrário desses pensadores, que nos esclarecem a origem dos deuses e os mitos, a Igreja Católica (e as demais) só corroboraram para aumentar mais e mais nossos medos e culpas: quantas vezes sofri por ter mostrado a minha (então) pererequinha (que hoje é esse cururu teitei) nos lagedos de Pai Mateus, na minha Cabaceiras natal, com a culpa de ofender a Cristo que morreu na cruz para nos livrar desses pecadinhos? E o temor à ira de Deus, um Pai punitivo, vingativo, que tudo vê? A cada deslize, uma pulada de cerca aqui, uma pegadinha ali, correspondia ao martírio de uma missa, enfadonha, num calor de fritar meus miolinhos à beira de um ataque de nervos. Não sou anti-religiosa, recebo passes com religiosa frequência no terreiro do pai Vêi Buda. Respeito as religiões que libertam e não oprimem, que desculpabilizam, que esclarecem. Vixe Maria, existe alguma?

Os mitos servem e sempre servirão à dominação, à manutenção da opressão de um grupo social sobre outro, de um gênero sobre outro, de uma sociedade sobre as outras, de uma raça sobre as outras. O mito do super-homem e da raça ariano alçou Hitler ao poder e o manteve por tempo suficiente para se consumir o extermínio de milhares e milhares de judeus, homossexuais e minorias étnicas. Cabe à academia estudá-los, aos professores esclarecer porque eles impregnam o senso comum que mantém a ordem das coisas. "Religião e política não se discutem" é a maior ausência de visão crítica e a maior desculpa para deixar tudo como está. Quer um exemplo de um mito? Leia esta pérola do Papa João Paulo II: "Por que a Igreja não aceita a ordenação das mulheres? É fácil: porque não havia nenhuma mulher na Santa Ceia."

Isto foi dito cinicamente em 1985. Certamente os apóstolos não eram chegados a um bacalhauzinho. Leia artigo esclarecedor de André Petry, que se arrepia com a idéia de um papa brasileiro "porque impediria os avanços morais e éticos dos quais o Brasil tanto necessita." (Veja, nº 15, 2005, p. 93). Quanto aos alunos agradecerem a Deus (muitos com o a craseado, pode?) nas suas monografias, é a coisa mais ridícula que se pode constatar numa academia. Os que assim procedem são os mais medíocres, incompetentes e, pela experiência de colegas professores, são os que apresentam os piores trabalhos. Cabe aos mestres desestimular essa prática simplória que só depõe contra o ensino superior. Se há 20 anos não acontecia isso no Departamento de Comunicação, certamente o irreverente DAC tinha cabeças mais pensantes. Se 90% dos alunos assim procedem, algo de errado está acontecendo e seria merceder do estudos acadêmicos. Alunos e professores arejados do Decom, do Departamento de Sociologia e o de Antropologia, mãos à obra!

Para não cansá-los, deixarei a cobertura da sucessão papal para meu próximo artigo. Peço mil desculpas pela ausência de humor. Imaginem uma menopausa em plena era PT!



Baforada de Judith no Vaticano alvoroça cardeais

Sinal do tempo e da volatilidade da internet, não há mais registro do início do volante virtual, mas é possível retomar a edição 15, de agosto de 2005, onde Judith avalia o Fenart no artigo “Feira da sulanca ou festival de arte?”. Do número 18, de fevereiro de 2005 ao último número lançado, de junho de 2006, Judith tratou de vários temas importantes da cultura da cidade, com destaque às encenações da Paixão de Cristo, promovidas pela prefeitura da capital, aos descaminhos da Igreja Católica, à polêmica da mudança do nome da cidade de João Pessoa.

Um episódio viria ratificar a popularidade de Judith e sua persistência na memória do meio cultural da cidade. Como afirma o editor no artigo “Quem é Judite?”, edição 18 do libelo,

um texto apócrifo, ou melhor, assinado por uma tal ‘Judite’, circulou por uma lista de discussão na internet fazendo críticas a um professor de Artes Cênicas da UFPB por suas supostas críticas à nova política cultural da Funjope. O texto intitulado ‘Nunca dirigi show erótico em motel’ se refere à decisão de não se contratar artistas globais para encarnar o Cristo, no espetáculo da Paixão. Este e-mail, que não nos foi enviado diretamente, faz-nos refletir sobre vários pontos reveladores da decadente mentalidade do meio cultural de nossa cidade (MAGALHÃES, 2005).

Mais adiante esclarece que

no texto atribuído a ‘Judite’ fica uma clara intenção de mascarar covardemente a ‘figura’ (digamos assim, sem gênero definido) que o escreveu. A intenção era transferir responsabilidade, fazendo associar sua crítica à célebre personagem Judith Cospefogo, alter ego da revista *Se Toque*. Na falta de peito para se mostrar e criatividade pra inventar suas próprias personagens, a ‘figura’, de forma

matreira, joga na lama um patrimônio da crítica cultural da cidade, que é Judith Cospefogo (MAGALHÃES, 2005).

Esse tipo de polêmica dava uma mostra do emaranhado de mesquinaria e insensatez que permeava o meio artístico paraibano, com suas perfídias e covardias. Judith, é claro, estava acima de tudo isso, fazendo sua crítica incisiva, mas honesta, provocativa e criativa. Contudo, seu vigor e interesse por esse mundinho ofuscado pela vaidade já lhe cansava os cornos e ela estava à beira da exaustão. Preferiu retirar-se de cena para não se repetir, recuar para não ter que se trocar com a mediocridade reinante.

E no próximo capítulo...

Não, não teremos um próximo capítulo. Desta vez a *Se Toque* chegou mesmo ao fim. Sua aventura cheia de atropelos e experimentações serviu de lição em vários domínios. Lidar com grupo nem sempre é fácil, mas com sua equipe foi um encontro de parceiros. A falta de qualificação para determinadas funções não lhes impediu de sonhar, e realizar dentro dos limites, com um veículo de comunicação instigante, polêmico, mobilizador.

A criação da *Se Toque* respondeu a uma inquietante questão: há vida artística e cultural em João Pessoa? O grupo estava certo que sim, mas foi surpreendido com o volume de produção. Por volume não se entenda qualidade, mas nem tudo foi em vão. Também há muita coisa boa sendo feita com os mínimos recursos no teatro, no cinema, nos quadrinhos, na literatura, nas artes plásticas, em qualquer campo artístico no qual se ouse criar. A *Se Toque* pode se inserir numa dessas atitudes de persistência e desafio.

Não é preciso que se diga o quanto a *Se Toque* errou, a autoavaliação do grupo era um exercício permanente. Uma cobertura ainda carente não conseguia chegar a todos os eventos produzidos na cidade, principalmente os que aconteciam fora dos estabelecimentos oficiais/comerciais. Não se tratou de uma arte de periferia, de uma arte contestadora, de uma arte engajada, de uma arte popular. A equipe era mínima e inexperiente. Mas o que foi possível fazer fez-se com gana e entusiasmo. O importante era provar a necessidade e viabilidade de uma revista de informação e crítica cultural. A prova foi dada.

Provou-se também quanto provincianismo permeia a redoma cultural da cidade. Mesmo os que conseguiam alçar voos, com merecimento, a outros universos culturais, não eram capazes de trazer na bagagem um pouco de humildade. Ao contrário, cada premiação de festival de teatro, de cinema, cada exposição nacional ou internacional, servia apenas para a autopromoção, para insuflar mais o ego dos pequenos gênios em broto. Essa mentalidade própria dos que sofrem de um complexo arraigado de inferioridade – como soe ocorrer com o próprio estado da Paraíba – é a única razão para que as pessoas se levem tão a sério, defendam tanto um nome a zelar.

A *Se Toque* divulgou o trabalho de muita gente e provocou muita inquietação. Mas é certo que para o público a revista deu sempre muito prazer, pelo elevado grau de humor que transbordava principalmente nos textos de Judith Cospefego. Se para a maioria dos artistas Judith era o terror, paradoxalmente havia os que queriam de todo modo ser criticados por ela. Judith, com sua língua ferina, era a garantia de uma relação de cumplicidade entre o público e o artista, aqueles que não temiam desnudar-se com sua alma e sua obra.

Outras publicações do gênero já circularam em João Pessoa depois da *Se Toque*, e isso é mais uma prova de que o jornalismo paraibano continua com suas mesmas limitações. Em São Paulo, os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, bem como o *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro lançavam semanalmente sua revista de programação e crítica cultural. Já os da Paraíba só se preocupavam com política, esporte e colunismo social. O campo editorial se abria, dessa forma, para produtores independentes que vinham preencher a lacuna do jornalismo cultural. Falta apenas quem se empenhe em criar com profissionalismo e criatividade esses tão necessários veículos, não mais no meio impresso, como antigamente, mas com os recursos da informática que possibilitem alcançar um amplo público por meio de sítios na internet, blogs e redes sociais.

Referências

- ANUÁRIO Brasileiro de Mídia. São Paulo: 1987.
- CHAVES, Débora. Os nanicos da nova geração. In revista *Imprensa*, n. 4. São Paulo: dezembro de 1987, p. 86 e 87.
- COSPEFOGO, Judith. Uma secretaria marcada para morrer. In *Se Toque*, n. 18. João Pessoa: Marca de Fantasia, 25/04 a 08/05 de 1998, p. 5.
- COSPEFOGO, Judith. Marcos Pinto pintou a cafonice. In *Se Toque*, n. 10. João Pessoa: Marca de Fantasia, 15 a 21 de dezembro de 1986, p. 4.
- COSPEFOGO, Judith. Caetano, chilikues e trejeitos no fuckrock! In *Se Toque*, n. 23. João Pessoa: Marca de Fantasia, 07 a 13 de setembro de 1998, p. 3 e 4.
- FALCONE, Fernando Trevas. Qual é a do Banguê? In *Se Toque*, n. 9. João Pessoa: Marca de Fantasia, 08 a 14 de dezembro de 1986, p. 4.
- GALVÃO, Walter. Prolegômenos a uma política do cu. In *Se Toque*, n. 14. João Pessoa: Marca de Fantasia, 08 a 14 de junho de 1987, p. 3 e 4.
- MAGALHÃES, Henrique. *Entrevista a Sandra Albuquerque*. João Pessoa: 1988. Documento gravado.
- MAGALHÃES, Henrique. Quem é Judite? In *Se Toque*, n. 18. João Pessoa: fevereiro de 2005. Volante digital enviado por email.
- MAGALHÃES, Henrique. O texto revelado dos quadrinhos. In *Se Toque*, n. 23. João Pessoa: 07 a 13 de setembro de 1998, p. 5.
- NORONHA, Chico. Henrique e Bertrand. In *Se Toque*, n. 27, seção “Correio elegante”. João Pessoa: Marca de Fantasia, 05 a 11 de outubro de 1998, p. 4.
- PINHEIRO, Kubitschek. Tédio: um prestígio que se mantém. In *Se Toque*, n. 1. João Pessoa: Marca de Fantasia, 13 a 19 de outubro de 1986, p. 4 e 5.

PINHEIRO, Kubitschek. No ar, a solidão pós-moderna. In *Se Toque*, n. 10. João Pessoa: Marca de Fantasia, 15 a 21 de dezembro de 1986, p. 5.

RIBEIRO NETO, Amador. Cara Judith. In *Se Toque*, n. 27, seção “Correio elegante”. João Pessoa: Marca de Fantasia, 05 a 11 de outubro de 1998, p. 4.

RIBEIRO NETO, Amador. 3 ou 4 palavras sobre o nosso teatro pebaparaibano. In *Se Toque*, n. 31, seção “Correio elegante”. João Pessoa: Marca de Fantasia, 07 a 20 de dezembro de 1998, p. 5.

TADEU, Cristovam. Judite cospe fogo e fala m... In *Se Toque*, n. 15. João Pessoa: Marca de Fantasia, 15 a 21 de junho de 1987, p. 6.

TEIXEIRA, Fernando Antonio. A um certo amador. In *Se Toque*, n. 32, seção “Correio elegante”. João Pessoa: Marca de Fantasia, 08 a 21 de novembro de 1999, p. 5.

Apêndices

Crítica: onde o fogo queima, por Jutith Cospefogo

Todas as capas

Edição facsímile de *Se Toque* n. 18

Crítica: onde o fogo queima

Judith Cospefogo

Venenosa, endiabrada, pré-apocalíptica e anti-mulher são alguns dos adjetivos com os quais fui presenteadas. Desconheço a tênue fronteira que separa o gabo do desdém. Sem grilos. Meu ego não se deixa acariciar por falsos elogios. A província está imbuída de artistas e intelectuais ávidos de prestígio e realce; nem que para isso tenham que segurar o manto do rei ou fornecer a cesta-básica dos colunistas sociais, ou ainda, bancar as biritas dos toqueiros no bar da API.

A Judith (ou Juju para os íntimos) não tem nenhuma pretensão de ser uma crítica de arte especializada. Não cursei Educação Artística no DAC e nem frequentei a “escola-para-formação-de-críticos-super-especializados” que, provavelmente, diplomou o Sir. Ricardo Anísio. Minha graduação vem do fã-clubes Abajour-Lilás da cantora Dalva de Oliveira; dos randevus com Geraldo Jorge, Leonardo Nóbrega, Henrique Magalhães, Luís Carlos Cândido, Henrique Bernardo, Adalice Costa, Margarida Cardoso, Luci Camelo, Anunciada Fernandes e do hoje heavy-metaleiro Everaldo Pontes.

O fogo que cuspo é fruto, sobretudo, de minha indignação com as baboseiras que nos obrigam a engolir como carne-de-primeira; da provinciana troca de favores; do eterno “tu me elogias, eu te elogio”; da passividade reinante no “pêcho” da intelectualidade parahybana – justamente onde deveriam pipocar conflitos e idéias geradoras do

novo. Na quatrocentona Filipéia as portas não rangem. Foram todas lubrificadas pelas benesses oficiais e oficiosas.

Na Inglaterra, Mrs. Thatcher, a dama-de-ferro, almeja vitalizar-se no poder. Normal, quando se sabe que pra isso a tirana vai à luta pelos votos dos súditos. Na Parahyba, a nossa dama-de-alumínio recorre a esdrúxulos decretos para reinar absoluta no seu vasto espaço cultural – uma espécie de mausoléu que abriga a maioria das múmias de nossa cultura. Atentem para as raras exceções!

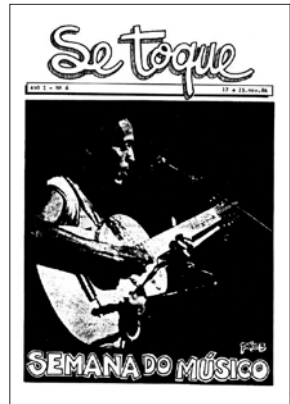
“Dizer o indizível na terra de José Américo não é brincadeira”, escreveu para a *Se Toque* um admirador anônimo que se subscreveu como “o sobrenatural (psicografado) de Almeida”. O pseudônimo Judith Cospefogo não mascara um nome, pelo contrário, revela o que pensa um considerável contingente de pessoas. Falta humildade nos astros da, já, abarrotada constelação Parahyba. Carecem de coragem e honestidade os profissionais da imprensa que optaram pelo que denominam “Crítica de Arte”. A sensibilidade dos nossos artistas está sempre à flor da pele. Ao leitor resta a interrogação: “A crítica é cega, burra ou com-

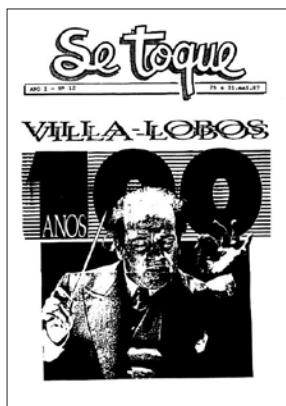
prada?” Enquanto pelas mais sensíveis se inflamam com as minhas labaredas, outras se aquecem neste curto inverno tropical.

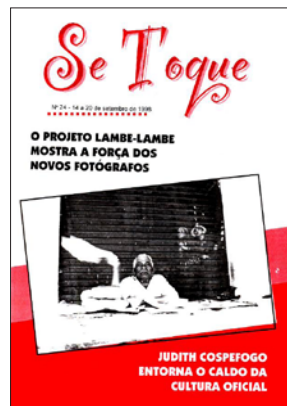
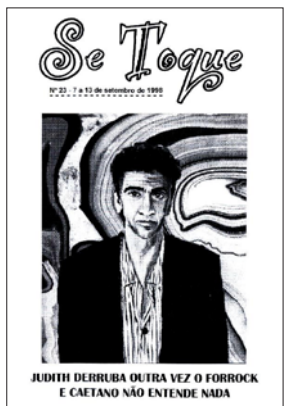
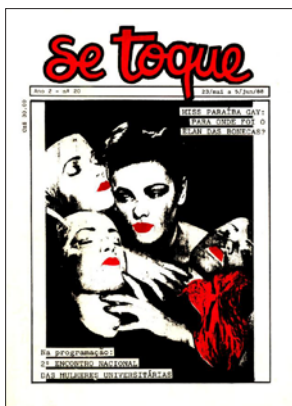


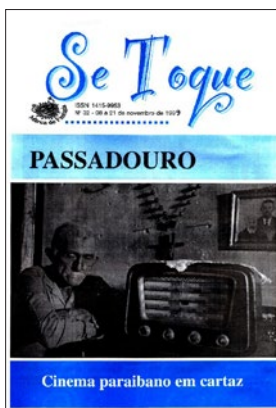
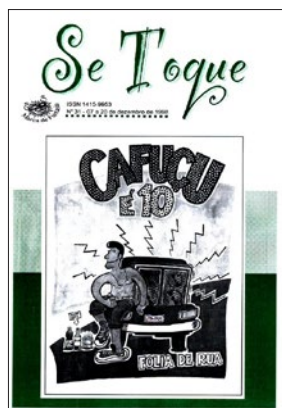
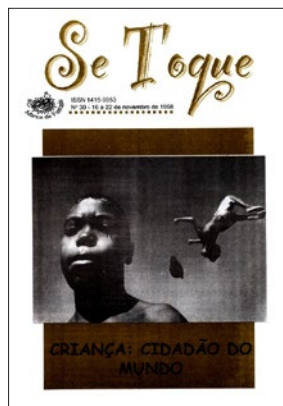
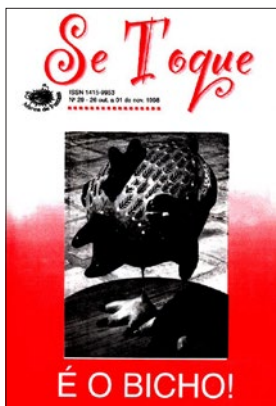
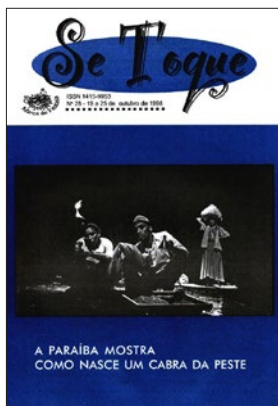
Texto publicado em *Se Toque* n. 17,
de 6 a 12 de julho de 1987

Todas as capas









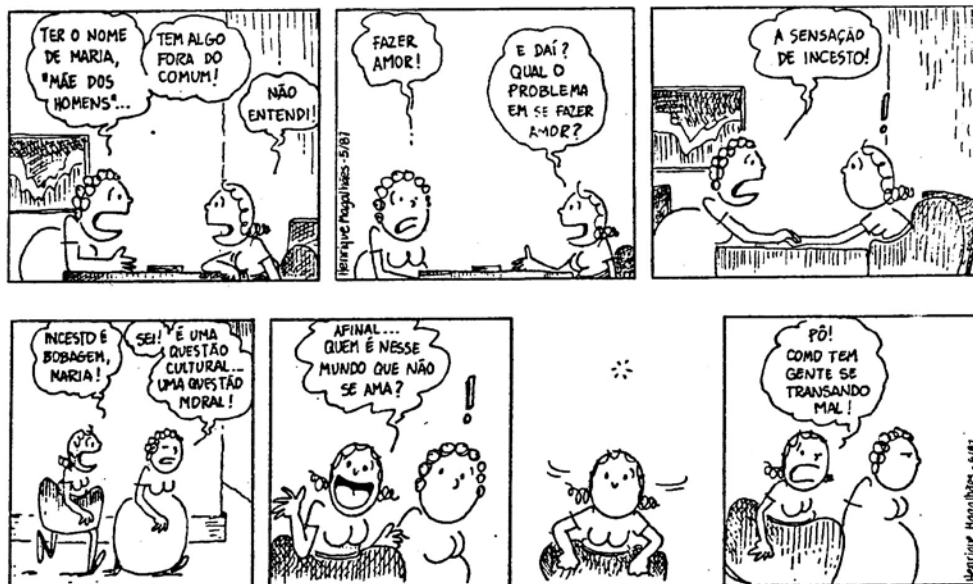
Se Toque

ANO 2 - Nº 18

25/abr a 8/mai.88

Cz\$ 30,00





Se Toque

Ano 2 - Nº 18
João Pessoa, Paraíba
25/abril a 8/maio de 1988

SE TOQUE é uma publicação da Editora Marca de Fantasia.
Caixa Postal 1113
58000 João Pessoa, PB

Edição e arte: Henrique Magalhães

Redação: Sônia de Lima Santos
Publicidade: Débora Vieira
Tiragem: 1000 exemplares
Impressão: Unigraf - 221-9845

Esta edição tem o patrocínio do INACEN - Instituto Nacional de Artes Cênicas

Capa: Judite Cospéfogo soltando os cachorros.

JÁ VAI TARDE, BIU

Henrique Magalhães

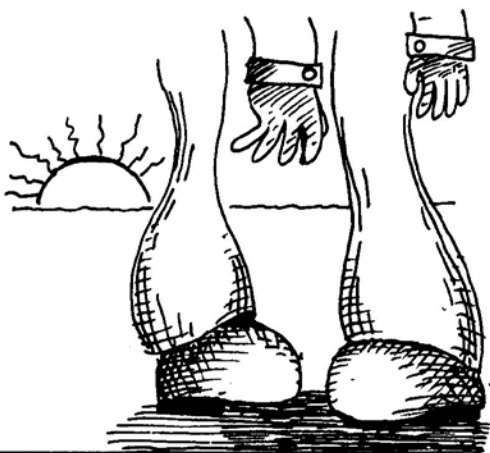
Recentemente assistimos à extinção da SECETUR-Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, dentro do projeto de reforma administrativa do Estado. A situação da cultura que já vinha caótica e indefinida desde o início do ano, quando foi anunciada a reforma, oscila entre a Fundação Espaço Cultural e Secretaria de Educação, o que atinge os objetivos de dar vida aos sonhos megalomaniacos do Espaço Cultural e reduzir as verbas que poderiam ser alocadas à cultura.

A volta à Secretaria de Educação, de onde partira, poderia nos parecer até mais coerente que misturar cultura com esporte e turismo, não fosse a situação de apêndice de secretaria que sempre representou. A falta de uma política cultural popular tem sido uma constante nos governos eleitos, paradoxalmente, de forma democrática. Neste ângulo, tanto faz que a cultura integre a Secretaria de Educação ou a SECETUR. O objetivo de inércia que as sustenta é o mesmo, não significando nada a troca de uma por outra.

A concentração das atividades artísticas no Espaço Cultural, por outro lado, vai ao encontro dos anseios elitistas do governador cuja preocupação preponderante é

o esnobismo da promoção pessoal nas esferas nacionais e internacionais. A que nos serve um Curso Internacional de Violoncelo, uma Mostra Alemã de Artes Plásticas? É evidente que ambos eventos têm seu valor incontestável, mas incondizentes com nossa pobreza e desprestigiada atividade cultural. Num outro rompante elitista, por caprichos do governador, está ameaçado o Cine Banguê para dar espaço aos ensaios da Orquestra Sinfônica.

O caminho da crítica não deve passar pela oposição entre cultura popular e cultura erudita, a não ser quando existe o propósito de se massacrar a primeira em detrimento da segunda, quando a utilização do dinheiro público



OTELO A RECRIAÇÃO DO DRAMA

está sendo destinado exclusivamente ao deleite da elite social de onde originou-se o governador.

Quanto à Secretaria de Cultura, não nos deixa a menor saudade o afastamento de Blu Ramos, jornalista preconceituoso e xenófobo que em vários momentos atacou pela imprensa os artistas e as atividades culturais mais instigantes realizadas nesta cidade. Para um incompetente o lugar é mesmo a rua ou os pasquins de onde partiu. Em nenhum momento de sua "administração" foi traçada uma política cultural coerente com a realidade de nossos artistas e do povo. O máximo que ele se propôs a fazer foi dar continuidade ao medíocre festival de artes de Cajazeiras e pôr terra no movimento pela Fundação do Cinema Nordeste.

Uma Secretaria de Cultura deve existir, sim, mas inspirando-se no exemplo de democracia da Secretaria Municipal de Cultura, que está implementando um fórum que determinará sua política cultural. Em vez de Conselho de Cultura, como existe hoje no Estado, é urgente que tenhamos um Fórum de Política Cultural composto pelas entidades que representam os artistas. Só assim poderemos sintonizar o Estado com as expectativas culturais de nosso povo.

Na tentativa de fugir à mesmice por que passa o teatro paraibano, tivemos nos últimos finais de semana a encenação do clássico "Otelo", de Shakespeare; numa adaptação de linguagem de W.J. So lha e direção de Fernando Teixeira.

Da forma como foi concebida a montagem de Otelo, com a onisciência da figura do bobo, têm-se uma ruptura do texto original. É através do bobo que modifica-se a estrutura convencional do texto shakespeariano transformando-o numa narrativa contínua, dando unidade à trama.

O bobo é o anunciador do que está para acontecer. Ele é exterior e interior ao drama. Comunica-se com o público e interrelaciona-se com os personagens. À consumação do casamento de Otelo com Desdêmona o bobo se antecipa enforcando-se com um véu, selando a tragédia. Ao usar a matracaca, anuncia a morte.

A crítica de que a tragédia foi transformada numa comédia, na direção de Teixeira, cabe muito mais ao desempenho dos atores Saint-Clair (Iago) e Ednaldo do Egípto (Senador), que vêm de uma formação essencialmente humorística, da falta de empenho dramático de Ubiratan Assis (Otelo) principalmente na cena final do

CONTINUA NA PÁG. 6

UMA SECRETARIA MARCADA PARA MORRER



Judith Cospefogo.



Novembro de 86. El pueblo unido elege Burity - nome de um doce extraído de uma palmeira, a Mauritia Vinifera - como único inseticida anti-praga Braga. A malta artística menos avisada (ou mais esperta) vislumbrou dias melhores para a nossa tísica cultura. Ledo engano. O Mauritia Vinifera os presenteou com um secretário de nome Severino Pedro Ramos da Silva, o Biu Ramos. Um epíteto bem ao gosto popular. Um paradoxo de um governador de paladar elitista, movido a acordes de violino.

Sem consultas. Sem mais nem menos. Lá estava o Biu como arauto da nossa cultura. Sem pestanejar lá estavam todos: carreiristas, camumbembes, bufãos, ri-soletas, arrivistas e burlãos. Quase todos "esqueceram" o Biu reaçã das campanhas machistas e preconceituosas contra o trabalho de artistas do Lima Penante. ou dos artigos ultra-xenófobos pixando a vanguarda DACquiana. Os negritos da Senzala Filipéia só queria dar uma sugadinha nas tetas da Mãe-Preta. E conseguiu-

ram. Só que o leite azedou bem mais cedo do que supunha a burresca troupe.

Não precisava ser vidente: no seu primeiro mandato Burity jogou rios de dinheiro no projeto da Biônica Sinfônica (ele próprio um cyborg). Uma sinfônica com seus músicos Made in France, USA and Chile. Enquanto isso outras atividades da Kultura ficavam ao deus-dará. Desta vez, apesar de eleito via voto popolis, a coisa não foi diferente. Novamente a menina dos olhos do governador ganha vestidos de seda e jóias raras. (não se esqueçam que Braga a deixou de tangas). Em movimento "alegro molto troppo" Papa lhe dá bons salários - bem acima dos pobres mestres que estão em greve - e um cinema, o Ban guê, com nova acústica \$\$\$ e amputado de três de suas filas de poltronas. Ah, e com um dia a menos de exibição. Tudo isto para a OSPb ensaiar e, num dos seus belos concertos, dar uma leve bajulada executando obras do compositor erudito T. Virgilius, pseudônimo de Burity.

A OSPb venceu o Cine Banguê como o fará com qualquer outra manifestação cultural que tenha odoris polaris. Os minguados recursos da SEC escorrerão, sempre, para exposições de Berlim ou para concursos internacionais de rã becas mil (oom direito a disco laser e tudo), ou ainda para lus trar a enferrujada estrutura do mausoléu chamado Espaço Cultural. Nos efêmeros 12 meses da Secetur, sua morte não foi lamentada a não ser pelas carpideiras do oportunismo. É que, durante a sua breve existência, ao ocupar aquela Pasta, Biu Ramos só serviu pra demonstrar o desprezo do Sr. T. Virgilius pela cur-tura popular.

CONTINUAÇÃO DA PAG 4 (OTELO...)

suicídio, e da inexperiência de Ana Maria (Desdêmona). O público também carece de uma formação crítica, identificando com os gracejos mais tolos. O público assimila a graça, não o humor, que se traduz nas sutilezas.

Um dos maiores méritos da montagem de Otelô, por Fernando Teixeira, é que as resoluções cênicas são muito inteligentes e plasticamente bem resolvidas, como a utilização da rotunda como elemento cenográfico e da cena muda do enforcamento do bobo com o véu.

HNT

OSTRADAMUS

Cristovam Tadeu



ARTICER
ESTAMPARIA

camisetas
faixas
cartazes
adesivos
logotipos

Av. Pres. Castelo Branco 758 - conj. C. Branco I
Tel. 225 2779 João Pessoa Pb 58.000

ASSINE SE TOQUES!

PROGRAMAÇÃO

As informações da programação estão sujeitas a alterações.
Sugerimos confirmar com antecedência.



A ESPERANÇA E A GLÓRIA

Drama escrito, produzido e dirigido por John Boorman, Com Sebastian Rice Edwards e Geraldine Muir.

Durante a II Guerra Mundial os bombardeios noturnos desestruturaram o dia-a-dia de milhões de ingleses. Entre eles havia um menino de sete anos, Bill Rohan, para quem a guerra era uma aventura fantástica.

De 25 a 30/4, a partir das 18:30 horas, no cine Tambaú. 10 anos.

RÁDIO PIRATA

Filme de Lael Rodrigues. Com Jayme Periard e Lídia Brondi. Na trilha sonora canções de Cazuza, Marina e Lobão.

De 1 a 5 de maio, a partir das 18:30h, cine Tambaú. 14 anos.

BANANA SPLIT

De Mário Sérgio Almeida. Com Myrian Rios e Marcos Frota. Versão cinematográfica dos anos 60. A classe média carioca vive o delírio do sonho consumista e pouco se abala com as convulsões políticas por que passa o país.

De 25 a 27 de abril, a partir das 14:30h, no cine Municipal. 14 anos.

O ÚLTIMO IMPERADOR

Épico do diretor italiano Bernardo Bertolucci, sobre o estranho destino do último dirigente da China Imperial, Pu Yi, que terminou seus dias como jardineiro. Este filme foi o grande vencedor do "Oscar 88", arrebatou nada menos que nove estatuetas.

A partir de 28 de abril, às 14:30, 17:30 e 20:30h, cine Municipal. 10 anos.

PARA BAIXO E PARA CIMA

Filme de sexo explícito sem maiores referências.

Dias 3 e 4/5, a partir das 14:30 horas, no cine Plaza. 18 anos.

MULHERES E CAVALOS

Pornô sem maiores comentários. Dias 5 e 6 de maio, a partir das 14:30h, cine Plaza. 18 anos.

OS ÚLTIMOS DURÕES

Dias 7 e 8 de maio, cine Plaza. 14 anos.

OLHO DO DONO
CLÍNICA VETERINÁRIA

Rua Argemiro de Souza, 63 - Centro
Fone: 221-3007
João Pessoa - PB



OS INTOCÁVEIS

Filme de Brian de Palma. Com Kevin Costner e Sean Connery. Baseado na série de TV "Os Intocáveis". Uma reconstituição primorosa da Chicago dos anos 30, com gangsters, crimes de sindicatos, etc.

De 25 a 29 de abril, às 14:10, 16:20, 18:30 e 20:40h. Cine Plaza. 14 anos.

MORRER MIL VEZES

Direção de Hal Ashby. com Jeff Bridges e Ross Rosanna Arquete. Baseado em alguns romances, o filme retrata a história da geração de um ex-detetive.

De 30/4 a 2/5, a partir das 14:30h, cine Plaza. 14 anos.

Em EVENTOS ver I Lata de Cinema.



SEMINÁRIO SOBRE ESCRAVISMO, RACISMO E ABOLIÇÃO

Numa promoção da Universidade Federal da Paraíba, este seminário

o, que tem programação prevista até agosto, já trouxe à Paraíba conferencistas famosos, como o historiador Jacob Gorender e o compositor baiano, atualmente Secretário de Cultura de Salvador, Gilberto Gil.

Dia 27/abril

Conferência "A Queima dos Arquivos da Escravidão"

Às 14:30h, no Auditório do CCHLA-UFPB.

Palestra: "Aspectos da Escravidão na Paraíba"

Às 19:30h, Auditório 412 do CCHLA-UFPB.



I LATA DE CINEMA

Promoção de um grupo de estudantes de Comunicação, a mostrará filmes em dois turnos, às 9 e 15h.

Programação:

Afundação do Brasil; O Couraçado Potemkin; Outubro; Aruanda; Pedra de Fogo; Batuque; Itacoatiara; 24 horas; Dodes-Ka-Den; Kayannisqatsi; Limite; Mixed Blood.

De 25 a 29/abr. Sala Preta do Departamento de Comunicação-UFPB.

I FESTIVAL DE ESPORTES DA UFPB

Promovido para alunos, funcionários, professores e comunidade em geral, o festival abrange as modalidades de judô, atletismo, futebol de campo e salão, recreação e vôleibol.

Até 30/abr. Conjunto Esportivo da UFPB.



OTELO

Produção teatral do Grupo Bigorna. Direção de Fernando Teixeira.

A peça conta a história amorosa de um general mouro que, a despeito de grandes feitos e bravuras de guerra, casa-se com a filha de um senador da aristocracia veneziana. No elenco, Ubiratã de Assis, Ana Maria Merino, Sanit-Clair, Nanego Lira. Adaptação de linguagem de J.W.Solha, do original de William Shakspeare.

De 4 a 7 de maio, às 21h. Teatro Santa Roza.

O ESTANDARTE DO SILÊNCIO

Espectáculo teatral do grupo mineiro Carbonoquatorze.

Dias 29, 30 e 31 de maio, às 21h. Teatro Santa Roza.



UM TREM PARA AS ESTRELAS

Direção de Cacá Diégues. Com Milton Gonçalves e Roberto Batalgan. Participação especial de Cazuzu.

O filme que está fazendo sucesso para as platéias europeias mostra um retrato de parcela da juventude nas metrópoles brasileiras.

Dia 25 de abril às 19h, na área de lazer do Sesc.

Se Toque 18



ARNAUD RODRIGUES

O bom humorista Arnaud Rodrigues traz a João Pessoa o seu mais novo show. O artista, consagrado pelo público através dos personagens que já interpretou, atualmente integra o elenco do programa "A Praça é Nossa", do SBT.

Dias 29 e 30/4, às 21:30h, no Teatro Paulo Pontes.

UM BORDO SORRISO

Espectáculo cômico com o ator e compositor Piancó (Sérgio Rique Pereira). Direção de Wilmar Bandeira.

Dia 27/4, às 21h, no Teatro Santa Roza.

PRODUTOS NATURAIS



Mine-Centro R. João Félix - Loja 01-Centro
(em frente à Telpa) Fone: 241-1198

ALIMENTAÇÃO • COSMÉTICOS
Prod. DIETÉTICOS E HOMEOPÁTICOS

AGORA COM BAR E RESTAURANTE



Livraria legal R. Gal. Osório, 114, centro
CCHLA/Bloco 5 - UFPB
Fones: 221-6936 e 221-0956
58000 João Pessoa, Pb.

ExPOsiçÃO

TIPOS NEGROS

Exposição de escultura em cerâmica do artista recifense Aluísio Vieira.

De 28/abril a 15/maio. Pinacoteca da UFPb.

OSTRA PERUANA

Uma boa oportunidade para o público conhecer as gravuras peruanas da cidade de Lima.

Dia 25/abril, Galeria de Arte Archidy Picado.

PEDRO AMÉRICO

Exposição organizada pela Fundação Paraibana do Livro em comemoração ao nascimento do pintor paraibano. Pedro Américo é citado como um dos maiores expoentes do neoclassicismo.

A abertura será marcada com uma apresentação do Quinteto de Metais.

De 29/abr. a 5/mai. no hall da Biblioteca Central-UFPb.

PINTANDO O SEXO SENTIDO

Mais uma exposição de Marcos Pinto. Para o artista "esta exposição é um alerta para que todos se conscientizem de que é necessário mais sentimento nas relações entre as pessoas".

Dia 28/abr, no Sol Mar Hotel.

JOSENILDO LUCENA

Exposição individual do artista plástico Josenildo Lucena.

Até 29/abr. Caixa Econômica Federal-agência Cabo Branco-centro.

SCENAS DA VIDA CARIOCA

Mostra de desenhos e cartuns do artista plástico carioca Raul Pederneiras. A exposição é a primeira de uma série promovida pelo Sesc em circuito nacional.

De 29/4 a 14/5, Sala de Exposição do Sesc.

PINTURAS EM MINIATURA

Exposição de quadros em miniaturas dos artistas plásticos Alexandre Filho, Dalva Oliveira, Flávio Tavares, Fernando Lopes, José Altino, José Crisólogo, Miguel dos Santos, Marlene Almeida e Sérgio Lucena.

De 3 a 17 de maio, na Gamela (Tambaú).

DIANA RODRIGUES

Vigésima-segunda exposição individual em litogravura da renomada gaúcha Diana Rodrigues.

Além de artista plástica e professora do Departamento de Artes da Universidade de Caxias do sul, Diana é também incansável investigadora, atualmente desenvolvendo pesquisas para o CNPq e FUNARTE.

Até 6 de maio, no Núcleo de Arte Contemporânea - NAC.

QUINTETO AFINADO

Exposição comemorativa do 1º aniversário de atividades da Galeria Artenossa, com trabalhos de Chico Ferreira, Dalva Oliveira, Elpídio Dantas, Isa Galdino e Marcos Pinto.

Até 29 de abril, na Galeria Artenossa.

Gil - um desencanto geral

Vandinho de Carvalho

Não podíamos sequer pensar que a questão racial pudesse ter o enfoque tão metafísico que teve,



na abordagem do Gilberto Gil na última quinta-feira, 14. Nós, que fazemos o Movimento Negro de João Pessoa, afirmamos publicamente e por diversas vezes que a questão do resgate da presença do negro na história do Brasil tem que ser com base no entendimento do confronto das classes sociais.

Neste ano, festejando o Centenário da Abolição, há uma classe interessada na formação de uma elite negra, interessada em enaltecer a Princesa Isabel, em detrimento da luta dos escravos quilombolas e do insustentável regime escravista, querendo confundir mais uma vez os negros afirmando que não existe um regime socialista e que a questão do

negro no Brasil pode ser resolvida com a superação do regime capitalista. Nós não concordamos com essa visão do político do PMDB, Gilberto Gil, hoje pleiteando sua candidatura à Prefeitura de Salvador.

Com a situação econômica da maioria da população brasileira calamitosa e em declínio, não podemos pensar em festejar nada, muito pelo contrário, devemos discutir e esclarecer que precisamos de uma boa escola pública que assegure à maioria da população uma escolaridade digna dos anseios sociais e discuta os problemas raciais, sociais, econômicos e políticos do Brasil; devemos continuar discutindo para exigirmos bons cursos que qualifiquem, profissionalmente, todos à margem do processo social, onde se encontra uma maioria negra fora do mercado de trabalho, para que possam estar aptos aos diversos setores da sociedade. Precisamos discutir amplamente, para que possamos entender as diferenças políticas que marcam os diferentes partidos, os que defendem a burguesia e os comprometidos

com a classe operária, e por fim lutaremos pela independência dos trabalhadores e seus organismos, sem os quais não conseguiremos desembocar numa sociedade socialista.

☆☆☆☆ TODAS AS SALAS ☆☆☆☆

BIBLIOTECAS

BIBLIOTECA PÚBLICA - Espaço Cultural (ver Centro Cultural).

BIBLIOTECA CENTRAL - Campus Universitário/UFPb, fone: 224-7200.

BIBLIOTECA DO SESC - R. Desemb. Souto Maior, 281, Centro. Fone: 224-4987.

BIBLIOTECA INFANTIL - Espaço Cultural (ver Centro Cultural).

CINEMAS

TAMBAÚ - Av. Almirante Tamandaré, 299 Hotel Tambaú.

MUNICIPAL - R. Visconde de Pelotas, 123, Centro, fone: 221-2020.

PLAZA - R. Visconde de Pelotas, 29, Centro, fone: 221-1902.

BANGUÊ - Espaço Cultural (ver Centro Cultural).

CINECLUBE

CINECLUBE DO SESC - R. Desemb. Souto Maior, 281, Centro, fone: 224-4987.

CENTRO CULTURAL

ESPAÇO CULTURAL - Av. Presidente Kennedy, s/n, Tambaúzinho, fone: 2249360

GALERIAS

ATAENDY - Av. Corálio de Oliveira, 440, Centro, fone: 222-1046.

ARCHIDY PICADO - Espaço Cultural (ver Centro Cultural).

ARTENOSSA - Av. N.S. dos Navegantes, 222, loja 18, Tambaú.

CLUBE DA GRAVURA - R. Sen. João Lira, térreo do Círculo Operário, Jaguaribe

ESCRITÓRIO DE ARTES DA PARAÍBA Av. Minas Gerais, esquina com av. Pernambuco, Bairro dos Estados.

GAMELA - R. Almirante Barroso, 144, Centro, fone: 221-6857.
- Av. Almirante Tamandaré, 299 Hotel Tambaú.

NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA (NAC)
R. das Trincheiras, 275, Centro, fone: 221-5835.

PEDRO AMÉRICO - Pç. Pedro Américo, s/n, Centro (Teatro Santa Roza), fone: 221-4638.

PINACOTECA - Campus Universitário/UFPb, fone: 224-7200.

TRANSARTE - Av. Cabo Branco, 1890.

MUSEUS

CASA DE JOSÉ AMÉRICO - Av. Cabo Branco, 3336.

CRIPTA DE EPITÁCIO PESSOA - Tribunal da Justiça, Pç. João Pessoa, Centro.

MEMORIAL AUGUSTO DOS ANJOS - Academia Paraibana de Letras, R. Duque de Caxias, 25, Centro.

MUSEU FOTOGRAFICO WALFREDO RODRIGUES - Casa da Pólvora, Ladeira de São Francisco, Centro.

MUSEU JOSÉ LINS DO REGO - Espaço Cultural (ver Centro Cultural).

TEATROS

SANTA ROZA - Pç. Pedro Américo, s/n, Centro, fone: 221-4638.

LIMA PENANTE - R. das Trincheiras, 275, Centro, fone: 221-5835.

PAULO PONTES - Espaço Cultural (ver Centro Cultural).

TEATRO DE ARENA - Espaço Cultural (ver Centro Cultural).

TEATRO CILIAO RIBEIRO - R. Gal. Osório, s/n (antigo Grupo Thomaz Minello), Centro.

Henrique Magalhães & Sandra Albuquerque

Se Toque

Uma revista alternativa



www.marcadefantasia.com